

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

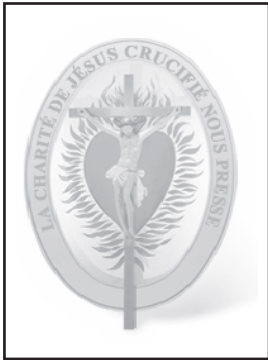
Diagramação:
SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:
ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

JANEIRO
FEVEREIRO
2021
Nº1

Ó Maria,
Tu sempre brilhas no nosso caminho
como um sinal de salvação e esperança.
Confiamos em ti, Saúde dos enfermos,
que junto da cruz
foste associada à dor de Jesus,
mantendo firme a tua fé.
Tu, Salvação do povo romano,
sabes do que precisamos
e temos a certeza de que providenciarás
para que, como em Caná da Galileia,
voltem a alegria e a festa depois desta provação.
Ajuda-nos, Mãe do Divino Amor,
a conformar-nos com a vontade do Pai
e a fazer o que Jesus nos disser,
o qual assumiu sobre si o nosso sofrimento
e carregou as nossas dores
para nos guiar através da cruz,
rumo à alegria da ressurreição.
Sob a tua proteção procuramos amparo,
Santa Mãe de Deus.
Não desprezes as nossas súplicas,
nós que estamos na provação,
e livrai-nos de todos os perigos,
Virgem gloriosa e bendita! Amém.

Papa Francisco



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

- 3 Editorial para o ano de 2021
Equipe de Coordenação

Vida espiritual

- 6 Carta de 1º de janeiro de 2021
Irmã Françoise Petit, Superiora geral.
- 10 Retiro espiritual de fim de ano
“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 19 Doadas a Deus, em Comunidade, para o serviço dos pobres
“A Comunidade fraterna para a missão”
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 25 Carta de 25 de janeiro de 2021
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral
- 26 Carta de 2 de fevereiro de 2021
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 35 Quaresma 2021: “O meu Cristo partido”
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 41 Província Nuestra Señora de la Mision-America Sur
A caridade de Cristo nos impele ao deserto de Atacama
Irmã Maria Isabel Ruiz e a comunidade de Iquique
- 44 Província da Índia do Sul
O serviço dos pobres, uma experiência onde cada um dá e recebe
As Irmãs da Casa “Marillac Bhavan Madathil” e da Casa “Cheshire”,
em Whitefield

História da Companhia

- 48 Santa Elizabeth Ann Seton, uma mulher de comunhão
Irmã Judith Mausser, Filha da Caridade
- 57 A união das Irmãs de Caridade de São José - Estados Unidos
com a Companhia das Filhas da Caridade
Irmã Magdalena Harbu, Filha da Caridade

Editorial para o ano de 2021

À luz da nova encíclica “Fratelli tutti” do Papa Francisco, assinada em Assis, no dia 3 de outubro de 2020, a equipe de coordenação deseja colocar, neste ano de 2021, sob o signo da fraternidade, e que vem ao encontro, de modo particular, do nosso terceiro desafio: a “mística do viver juntas”, submetido ao nosso estudo para a Assembleia Geral de 2021. Na crise sanitária que atravessamos, este tema da fraternidade é bem-vindo porque muitas das nossas relações sofrem com este contexto tão difícil no qual estamos imersas.

Na sua encíclica, o Papa Francisco volta a colocar no centro da nossa vida o princípio da caridade fraterna. Ele quer ajudar-nos a redescobrir a importância e a riqueza da caridade fraterna que devemos viver e, que é também para nós, o primeiro mandamento que o Senhor nos deixou: *“Amavos uns aos outros”*. Com a parábola do Bom Samaritano, que é o principal fundamento bíblico da encíclica, o Papa afirma que a Igreja defende uma cultura de encontro que integra os pobres e os fracos. Ele reserva um lugar especial à figura de São Francisco de Assis e Charles de Foucault, que se identificou com este último e se tornou então o “irmão de todos”. Os Ecos irão reservar um lugar especial para uma bela figura vicentina, Elizabeth Ann Seton, por ocasião do aniversário dos 200 anos de sua morte, a fim de melhor conhecê-la.

Depois de ter decretado um ano especial dedicado a São José, de 8 de dezembro de 2020 a 8 de dezembro de 2021, o Papa Francisco também anunciou em 27 de dezembro de 2020, o Ano da Família que terá início no dia 19 de março de 2021 e terminará em 26 de junho de 2022, no 10º Encontro Mundial das Famílias, em Roma. Portanto, será São José que nos guiará neste Ano da Família, chamado *“Família Amoris laetitia”*. O desejo do Papa é que possamos melhor conhecer e aprofundar o conteúdo da exortação *“Amoris*

Laetitia", que dá continuidade à reflexão dos dois Sinodos. Esta exortação não é um tratado, mas uma reflexão para descobrir a especificidade da beleza do amor humano, como vivê-lo concretamente e, como a família é este lugar onde o amor humano pode ser vivido, mesmo em meio as dificuldades. Quando a Igreja se expressa sobre a família, ela fala da família tal como cada um a vive, com as suas tristezas, com as suas alegrias, com as suas dificuldades, e diz-nos que quer acompanhar e ajudar cada um, onde quer que estejam. Se a Igreja orienta o nosso coração para a Sagrada Família, não é para copiá-la, mas para que possamos praticar as virtudes familiares, onde nos apoiamos mutuamente e cada um recebe do outro. A família se constrói e se acolhe, é uma tarefa ao mesmo tempo bela e difícil. Hoje em dia, falamos muito de famílias desfeitas. A Igreja está lá para dirigir um olhar benevolente sobre o que cada um vive, sem fazer comparações com o passado, mas para acompanhá-las no que estão vivendo. Muitos de nós estamos ao serviço destas famílias para apoiá-las e encorajá-las a crescer e a seguir em frente.

Dentro da nossa grande Família Vicentina, um dos aspetos fundamentais da nossa vocação é "a mística de viver juntas". A arte de "viver juntas", à imagem da Santíssima Trindade, está baseada numa relação viva com o Cristo; Ele é a unidade perfeita, que nos confia umas às outras e nos torna responsáveis umas pelas outras. O horizontal está embutido no vertical, e o vertical está para sempre englobado no horizontal. Um sem o outro faz tudo desabar; não há fidelidade no amor sem uma efusão do Espírito, como disse João Paulo II.

As nossas Comunidades são oficinas onde trabalhamos de forma concreta, eficiente e imediata em vista da fraternidade. Há também outros lugares de aprendizagem onde humildemente exercemos o nosso amor fraterno: no nosso serviço às pessoas mais flageladas pela vida, na nossa colaboração com os leigos, nas paróquias, nas dioceses, na Família Vicentina, com outras congregações religiosas, mas também no diálogo ecumênico ou inter-religioso, etc. Cada gesto de amor de uma Filha da Caridade é uma centelha da glória de Deus que brilha na noite e torna visível o mistério da Companhia, da "Caridade Divina feito carne"! Todos os atos de amor realizados na terra pelos nossos irmãos e irmãs pobres representados pelos milhares de estrelas que brilham no céu.

Com este convite do Papa Francisco para dar uma nova qualidade ao nosso "viver juntas", para lhe dar uma nova energia, aprofundando cada vez mais o "sacramento do irmão", a Equipe de Coordenação dos Ecos pensou que poderíamos simplesmente compartilhar as nossas reflexões e as nossas

diferentes experiências de comunhão fraterna, de comunhão entre nós e com os outros, sejam eles quem for. Estas múltiplas práticas de fraternidade, vividas nas Províncias e compartilhadas com toda a simplicidade, poderiam estimular-nos a tornarmo-nos cada vez mais conscientes daquilo que oferecemos e recebemos de cada uma das nossas Irmãs, mas também, apoiarmo-nos mutuamente neste esforço comum de viver mais em Deus, a fim de estabelecermos uma relação de amor com aqueles que nos rodeiam.

Desde já, agradecemos-lhes pela iniciativa de tornar conhecido todos os gestos de fraternidade vividos no mundo inteiro. Trata-se de uma maneira de olhar o mundo de forma diferente, além das crises e perdas de valores.

Equipe de Coordenação



Carta de 1º de janeiro de 2021

Queridas Irmãs,

*“O Senhor te abençoe e te guarde!
O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face,
e se compadeça de ti!
O Senhor volte para ti o seu rosto
e te dê a paz!” (Nm 6, 24-26)*

Vida
Espiritual

O início do ano é propício para falar sobre paz e projetos. Durante algumas horas, toda a humanidade expressa os mesmos desejos: fim dos conflitos, mais justiça, respeito pelos pequeninos, amor e felicidade! Estou convicta de que estas não são algumas horas de ilusões, mas sim, um momento de autenticidade. O ser humano, e particularmente o cristão, sabe que a vida é um dom precioso, e que ele foi criado para ofertá-la aos outros. *“Deus criou o homem a sua imagem; criou-o à imagem de Deus...” (Gn 1, 27).*

O Senhor abençoa-nos, embora os tempos sejam difíceis e, como o povo hebreu, estamos em um deserto: um lugar de provação, de encontro e, para a nossa esperança, um lugar de crescimento. Não é esta a situação atual do mundo?

Podemos elencar as provações, as de todos aqueles que nos rodeiam, as provações de certas Comunidades que foram fortemente afetadas pela Covid, pois, muitas foram as Irmãs que faleceram em todos os continentes e especialmente na Europa. Há também a violência, por exemplo, na Etiópia, no norte de Moçambique, na Bielorrússia, no Chile, no Haiti,

na Nigéria... Trata-se de uma "guerra mundial em pedaços", como denuncia o Papa Francisco. As Comunidades são testemunhas disto e sofrem com o povo. Além disso, há os desastres naturais: repetidos tufões nas Filipinas, inundações e deslizamentos de terra em vários países da América Central e, especialmente na Guatemala e Honduras.

No entanto, sabemos quantos encontros são possíveis no âmago destes sofrimentos. Encontros frutuosos, aqueles que nos surpreendem, que nos abrem para o mistério do outro e muitas vezes para o nosso próprio mistério. Encontros improváveis, que nos fazem agradecer pela beleza daqueles que talvez estejam desfigurados pela sua história, pelo seu presente precário, porém, são preciosíssimos aos olhos de Deus. Ouçamos este homem sem domicílio fixo, acolhido num centro diurno: "*Na rua, você não passa de um lixo, aqui a gente volta a sentir-se um ser humano*". Uma centelha de esperança que nos estimula a estarmos cada vez mais próximas do outro, seguindo o modelo do Bom Samaritano. A nossa vocação permite-nos ser os olhos, os braços e o coração de Deus.

Após as catástrofes naturais de novembro passado, as nossas Irmãs da América Central expressaram-se assim: "*Para enfrentar esta situação, a primeira coisa é a proximidade, a consolação, a alimentação, os medicamentos, os primeiros socorros e, acima de tudo, a partilha na esperança e na confiança*".

Nesta perspectiva, em Moçambique, na Diocese de Pemba, a Província organizou uma equipe móvel de quatro Irmãs. Elas partirão durante quatro meses para uma zona de conflito e de violência para se unir aos deslocados da região de Cabo Delgado, no norte do país. O deserto é um lugar de encontro e, para a Filha da Caridade, um lugar para estender a mão, como sinal de compromisso direto ao serviço dos nossos irmãos e irmãs.

Enfim, o deserto é lugar de crescimento que, mais do que nunca, coloca-nos novamente no caminho para a busca do essencial, a fim de progredir na fé e na humanidade, para que a cidade de Deus e a nossa casa comum possam crescer. É um convite para amar além das fronteiras, além das nossas fronteiras comunitárias ou provinciais, além das nossas línguas e culturas. É uma das lições desta pandemia: não podemos nos fechar em nós mesmas, dependemos umas das outras. Não é isto que o tema das Assembleias nos convida a fazer: afastarmo-nos das nossas preocupações, das nossas certezas, para uma verdadeira abertura que ultrapassa qualquer tipo de fronteira? Ephata!

Retiro de fim de ano

Provações, encontros, crescimentos. Sabemos que se trata de uma estrada a percorrer, que nos faz passar gradualmente das trevas à luz e, por vezes, com retrocessos. Deus abençoa os nossos caminhos feitos de obstáculos, desilusões, luto, partilha, solidariedade, caridade e amor e, nos acompanha enquanto os percorremos. Esta é a nossa fé, a nossa esperança, e com este novo ano, acolhamos novamente esta bênção:

“O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti! O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz!” (Nm 6, 24-26).

“Que o Senhor te dê a paz!” A humanidade precisa tanto dela. A encíclica *Fratelli tutti* do Papa Francisco chega num momento oportuno para nos fazer refletir sobre a nossa concreta participação na construção de um mundo melhor.

Felizmente, nós não temos poder sobre o mundo como um todo, mas, podemos oferecer-lhe a nossa contribuição através da nossa vida cotidiana, bem real, seja em lugares comunitários, em lugares missionários ou na nossa oração.

Alegremo-nos com as Irmãs da Guatemala (Província da América Central) que receberam a condecoração da “Ordem Monsenhor Gerardi”, em reconhecimento pela presença e missão, principalmente, pelo apoio aos mais pobres, cujos direitos humanos são violados.

Uma expressão da Encíclica, entre muitas outras, questionou-me de modo particular. Parece-me que ela nos toca, naquilo que consiste o essencial da nossa vocação, o encontro com Deus e o encontro com os nossos irmãos e irmãs.

“...a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes, prevalece a morte” (nº 87).

Estamos diante de uma escolha: escolher a fraternidade e a comunhão e, portanto, a vida, ou escolher o isolamento, o fechamento que levará a morte.

No início deste ano, façamos a escolha correta, entremos resolutamente nesta dinâmica da comunhão nas Comunidades, nas Províncias e em toda a Companhia: *"A vida é mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade"*.

O ano 2020 foi um ano difícil, por vezes doloroso, tanto para o mundo como para a Companhia, com a morte da Irmã Kathleen. Pensemos nela, no que ela representou para a sua família, para a Província de St. Louise-USA e, claro, para a Companhia. Podemos dar graças, pois, ela cumpriu a sua missão até o fim e, na fé, sabemos que agora ela está presente de uma forma diferente.

Ela ficaria feliz em celebrar conosco no dia 4 de janeiro, os 200 anos da morte de Santa Elizabeth Ann Seton, uma mulher americana, de fé profunda e audaciosa. Fundou, de acordo com as regras das Filhas da Caridade, a Congregação das Irmãs da Caridade de São José, da qual uma parte se juntou a nós em 1850. Santa Elizabeth Ann Seton pode hoje encorajar-nos num contexto de confinamento, de conflitos entre países, de fraturas sociais mesmo dentro dos países. *"O que é a distância, o que é a separação, quando a nossa alma imersa no oceano do infinito vê tudo no íntimo de Deus? Já não há Europa ou América, o nosso Deus é tudo para nós"* (20 de maio de 1815).

Como será o ano de 2021? Há meses vivemos um período de incertezas e a impossibilidade de nos projetarmos no futuro, que isto não nos impeça de continuar a trajetória com confiança. Deus nos acompanha. Ele vai nos ajudar a tomar decisões, a dar continuidade aos projetos, a nos voltarmos para o que é essencial, simplificando a nossa maneira de viver e de servir.

As Assembleias Provinciais foram concluídas. Algumas tiveram que realizar verdadeiras proezas para viver estes encontros e, a este respeito, os membros do Conselho geral juntam-se a mim para agradecer-lhes. Que o Espírito Santo conduza agora a preparação para a Assembleia geral.

Percebemos, cada vez mais, o quanto a Companhia precisa da unidade no Cristo e de uma fraternidade simples, para melhor servir e ser uma presença para os nossos irmãos e irmãs, especialmente aqueles que sofrem com a pobreza crescente: "Sair porta afora ... ir para ... encontrar!"

Finalmente, agradeço a todas pelas mensagens de boas festas recebidas. Cada uma ilustra muito bem a vida da Companhia no que é belo, verdadeiro e simples. Todas expressam com entusiasmo o engajamento junto àqueles que

Retiro de fim de ano

as rodeiam e que são apoiados através de gestos, ações, orações e testemunhos comunitários.

Com todo o meu coração, resta-me desejar a todas um bom e santo ano novo. Que a paz habite no coração de cada uma de nós, que saibamos acolher o Salvador e segui-Lo todos os dias. Neste sentido, voltemos o nosso olhar para Maria, que nos ensina a permanecer centradas em Jesus e profundamente atentas à Palavra e ao mundo: ela "*guardava todos estes fatos e meditava sobre eles em seu coração*" (Lc 2,19), ouçamos São Vicente dizer-nos: "*permaneçei na disposição de querer tudo o que Ele quiser*" (SV, conf. de 9 de junho de 1658, pág. 784).

Com toda a minha afeição e a certeza da minha oração,

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

*“Deus amou o mundo de tal maneira
que deu o seu Filho Unigênito
para que todo aquele que nele crê
não perea, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).*

I. DEUS AMOU ESTE MUNDO, SEU OLHAR É BENEVOLENTE

Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito. Este versículo é talvez o versículo mais conhecido de toda a Bíblia. Esta frase chave serve como introdução a uma espécie de meditação que vem logo após a conversa noturna do fariseu Nicodemos com Jesus.

Deus não nos deu um filho entre tantos outros, Ele nos deu o Seu Filho Unigênito! Portanto, Deus não nos deu apenas um filho, mas tudo o que Ele possuía. O Evangelho de João, no primeiro capítulo, fala-nos deste Filho, Jesus, e diz-nos que ele é a Palavra de Deus feita carne, que habitou entre nós: *"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"* (João 1,1).

Deus está interessado nas coisas deste mundo. Deus ama este mundo que criou e que recria, dia após dia, séculos após séculos. Deus não abandonou o mundo à sua condição, à morte, mas o amou. O Deus Criador é também aquele que ama a humanidade. O Deus da Bíblia é caracterizado pelo seu amor pela sua criação, pelos seres humanos que somos. É de fato neste mundo, luminoso e ao mesmo tempo tenebroso, no qual vivemos que Deus manifesta o seu amor através da vinda do seu Filho.

Deus olha para a história e para o mundo com benevolência, apesar das guerras, do mal, da violência, do sofrimento que atravessam nossas próprias vidas. Pois, mais cedo ou mais tarde, a luz irá prevalecer sobre as trevas. A vida é mais forte do que a morte. E, concretamente, o que torna este olhar possível

Retiro espiritual de fim de ano

é Jesus Cristo, o Salvador, ofertado pelo Pai na sua grande compaixão. Não tenhamos medo de nos deixarmos contemplar por Jesus. Acolhamos, mais uma vez, estas palavras do Padre Tomaz em carta para o tempo do Advento:

- Jesus nos olha diretamente e seus olhos nos desafiam.
- Estes são os olhos de Deus que vê nosso ser mais secreto e nos ama com sua misericórdia divina.
- Os olhos expressam o desejo de sondar o coração de cada pessoa e compreendê-la.
- Esta experiência de estar frente a frente nos conduz ao coração do grande mistério da Encarnação.
- Quando contemplamos os olhos de Jesus, sabemos que estamos contemplando os olhos de Deus.
- Através das ruínas do mundo, vemos o rosto de Jesus que jamais poderá ser destruído.
- Os olhos de Jesus penetram a interioridade de Deus assim como penetram o coração de cada pessoa humana, o coração de cada um de nós.
- Ver Jesus nos conduz ao coração de Deus e ao coração de cada ser humano.

Jesus chama-nos a dilatar o nosso olhar, a ver com esperança. Pois, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que, através Dele, o mundo seja salvo.

Para falar-nos do seu amor, Deus usou as experiências de amor que a humanidade tem em seu ambiente natural. Todos os amores humanos (conjugal, paterno, materno, amizade, comunidade...) são as páginas de um caderno ou as faíscas de um fogo que encontram em Deus a sua origem e a sua plenitude.

Na Bíblia, Deus fala-nos, acima de tudo, do seu amor através da imagem do amor paterno. O amor paterno é feito de incitação, ímpeto, encorajamento. O pai quer fazer o seu filho crescer, impelindo-o para dar o melhor de si mesmo. Assim sendo, torna-se difícil para um pai elogiar o seu filho todo o tempo na sua presença, por medo de que ele pense ter atingido o seu objetivo e já não se esforce mais. A correção é também uma característica do amor paterno.

Mas, um verdadeiro pai é também aquele que dá liberdade e segurança ao seu filho; que se sente protegido na vida. É por esta razão que Deus se apresenta ao homem, ao longo da revelação, como "a sua rocha e a sua proteção", "socorro bem presente na angústia".

Em outras ocasiões, Deus nos fala através da imagem do amor materno. Ele diz: *“Por acaso, uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti”* (Is 49, 15). O amor de uma mãe é feito de acolhimento, compaixão e ternura; é um amor "visceral".

O homem conhece, por experiência, outro tipo de amor, o amor esponsal, que se diz ser *“tão forte como a morte”* e cujas características *“são como as características do fogo”* (cf. Ct 8,6). Deus também recorreu a este tipo de amor para nos convencer do seu amor apaixonado por nós. Todos os termos típicos do amor entre um homem e uma mulher, incluindo o termo "sedução", são utilizados na Bíblia para descrever o amor de Deus pela humanidade.

Em Jesus, todas estas formas de amor, paternal, maternal, esponsal, são reveladas. Em certas passagens do Evangelho, Ele refere-se ao Noivo que vem ao nosso encontro. São João nos diz: *“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas, chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai”* (Jo 15,15).

Neste dia de retiro, Jesus diz-nos novamente que somos seus amigos. Tudo o que Ele sabia sobre o seu Pai celestial, deu-nos a conhecer e no-lo confiou. Partilhou conosco segredos de família, os segredos da família da Trindade.

Sim, Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho Unigênito. O que devemos fazer diante de tal mistério? Uma coisa muito simples: acreditar no amor de Deus, acolhê-lo. Imbuídos por tal amor, retomemos estas palavras de São João: *“Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”* (1 Jo 4, 16).

Este dom de Deus, o dom do seu Filho, nós só o podemos receber. É por isso que a fé é o único meio colocado à nossa disposição. Somente a fé nos permite manter uma atitude de acolhimento. Um dom é eficaz unicamente se for recebido por aquele a quem é destinado. Quando alguém nos oferece um presente, este se torna verdadeiramente um presente, apenas, quando nós o aceitamos. Entramos, então, num processo de troca: um dá e o outro recebe. O amor de Deus pelo mundo procede de um dom, o dom do seu Filho que Deus concedeu à humanidade e que somos convidados a receber. Na simplicidade do nosso acolhimento, Deus realiza o seu trabalho em cada um de nós, com ternura e misericórdia. Deus está agindo neste tempo e no nosso mundo.

II. SANTA LUÍSA E O MISTÉRIO DO DEUS FEITO HOMEM

Luísa de Marillac, fortemente alimentada pela teologia, apropriou-se do pensamento do fundador do Oratório, o Cardeal Pedro de Bérulle. Pouco a pouco, sua espiritualidade se estrutura em torno do eixo central do cristianismo: a segunda pessoa da Trindade se fez carne e assumiu a forma humana em Jesus Cristo.

O desígnio de Deus ocupa um lugar importante na reflexão espiritual e teológica de Luísa. As suas inúmeras leituras, quer da Bíblia, quer de autores espirituais, as suas longas meditações fizeram-na vislumbrar o esplendor do desígnio divino e descobrir o imensurável amor do Deus Trino pela humanidade. As suas cartas e notas de retiro mostram o quanto ela quer que o desígnio de Deus guie toda a sua vida e se torne a linha de ação da Companhia das Filhas da Caridade.

A excelência do desígnio de Deus guia o pensamento de Luísa ao longo do seu retiro espiritual de 1657. Desde a primeira oração, ela constata que Deus deseja fazer a humanidade participar de toda a riqueza da sua divindade. Se o homem, por si mesmo, não pode se tornar Deus, Deus pode se tornar homem.

Contemplando este mistério da Encarnação, ela se detém na promessa de Deus, feita após o pecado de Adão, na escolha da Virgem Maria para ser a Mãe do Filho de Deus e, na missão redentora do Verbo Encarnado.

Luísa gostava de contemplar como a Trindade se aconselhava ao buscar recriar o homem, ao manifestar-lhe todo o seu amor, ao tomarem juntos a decisão sobre a Encarnação do Verbo:

“Logo que a natureza humana pecou, o Criador, no Conselho de sua Divindade, quis reparar esta falha e, para isso, com um supremo e puríssimo amor decidiu: uma das três Pessoas iria encarnar-se; nisso aparece, mesmo na Divindade, uma profunda e verdadeira humildade...”¹.

Ela maravilhava-se diante deste amor divino. Parecia-lhe que Deus respondia aos desejos profundos do homem: conhecer este Deus que o criou e que lhe parecia muito distante.

“...Oh! Admirável! Oh! Segredo escondido! Que quisestes fazer com a criação do homem, uma vez que não ignoráveis a sua fraqueza? Era, porém, necessário que fosse assim, para fazer-nos compreender, ó nosso Mestre, os efeitos de vosso imenso Amor!

Não será também, que vossa admirável Encarnação era o estabelecimento da graça de que as almas têm necessidade, para alcançar seu fim? Porque ao criar ...a alma, ...não se poderia ver tão estreitamente unida a seu objeto que é Deus, inacessível a todo ser, senão por este meio tão singular que leva para Deus o homem e, ao homem, Deus...”²

A promessa da Encarnação da segunda pessoa da Trindade está inscrita no plano de amor de Deus pela humanidade. Para Luísa, a Encarnação revela a profunda humildade de Deus. Para se tornar homem entre os homens, Deus, no conselho da Trindade, recorre a uma mulher e não hesita em associá-la de uma forma muito particular à sua divindade. Luísa ficou deslumbrada com isto:

“Por isso, quero durante toda a minha vida e na eternidade, amá-la e honrá-la tanto quanto puder, em agradecimento à Santíssima Trindade pela escolha que fez da Virgem Santa para estar estreitamente unida à sua Divindade e quero honrar as três Divinas Pessoas distintas e conjuntamente na Unidade e na essência divina”³.

Luísa gosta de enfatizar a íntima relação da Virgem Maria com a Santíssima Trindade. Ela maravilhava-se com a participação da Virgem Maria em todos os Mistérios do seu Filho, não apenas o do seu nascimento, mas também na sua Paixão, e neste grande Mistério da Eucaristia: o sangue de Cristo é o sangue de Maria. Luísa coloca Maria no centro do desígnio do amor de Deus pela humanidade. Toda a espiritualidade mariana flui a partir disto. Em outubro de 1644, foi em peregrinação a Chartres para confiar a Companhia das Filhas da Caridade à Virgem Maria e pedir-lhe que fosse a guardiã da vocação recebida de Deus.

A vocação da Companhia das Filhas da Caridade é entrar plenamente na obra de salvação da humanidade que Cristo veio realizar através da sua Encarnação Redentora. Luísa conduz as servas dos pobres no caminho da fidelidade ao carisma recebido de Deus. Para realizar o plano de Deus, a Filha da Caridade é chamada a refletir a verdadeira imagem do Deus de Amor, a do seu Filho, que se tornou homem entre os homens. Ela é convidada a seguir o mesmo caminho que o Senhor Jesus, ao proclamar a dignidade do homem revelada em Jesus Cristo, a viver no amor, seguindo o exemplo daquele que *“nos amou e se entregou por nós..”* (Ef. 5, 2)

Neste dia de retiro de fim de ano, não hesitemos em contemplar este amor de Jesus que se entrega a nós no sacramento da Eucaristia. Recordo aqui as palavras de encorajamento da Irmã Françoise, na sua carta de 27 de novembro:

“Vinde aos pés deste altar!” Não será este um duplo convite para nós? É evidente que se trata de ir ao sacrário, incessantemente, e sem se cansar, para encontrar Aquele que é a fonte da vida e da caridade. Esta é a nossa fé. Este é o primeiro convite fundamental para a nossa vocação.

O segundo convite, semelhante ao primeiro, é o de ir ao encontro de Cristo nos seus irmãos e irmãs. Catarina passou do altar para o serviço aos mais pobres. Dela foi dito: "Ela respirava a caridade, o amor de Deus". Catarina era uma mulher silenciosa, porém, bastante empenhada! Hoje, Maria nos atrai ao seu Filho, à Eucaristia, e convida-nos a oferecer a nossa vida, uma oferta que nos torna semelhantes a Cristo, que nos conduz ao serviço dos nossos irmãos e irmãs. Maria mostra-nos o caminho para unificar a nossa vida”.

III. UMA CATEQUESE DO PAPA FRANCISCO: “CURAR O MUNDO”: AMOR E BEM COMUM⁴

A resposta cristã à pandemia e às consequentes crises socioeconômicas baseia-se no *amor*, antes de tudo, no amor de Deus que sempre nos precede (cf. 1 Jo 4, 19). Ele ama-nos primeiro, Ele precede-nos sempre no amor e nas soluções. Ele ama-nos incondicionalmente, e, quando aceitamos este amor divino, então podemos responder de forma semelhante.

Amo não só aqueles que me amam: a minha família, os meus amigos, o meu grupo, mas também aqueles que não me amam, amo inclusive os que não me conhecem, amo também os que são estrangeiros, e até aqueles que me fazem sofrer ou que considero inimigos (cf. Mt 5, 44). Esta é a sabedoria cristã, esta é a atitude de Jesus. E o ponto mais elevado da santidade, digamos assim, é amar os inimigos, e não é fácil. Claro, amar todos, inclusive os inimigos, é difícil - diria que é uma arte! Mas é uma arte que pode ser aprendida e melhorada.

O verdadeiro amor, que nos torna fecundos e livres, é sempre expansivo e inclusivo. Este amor cuida, cura e faz bem. Muitas vezes faz melhor uma carícia do que muitas argumentações, uma carícia de perdão e não muitas palavras de defesa. É o amor inclusivo que cura. Portanto, o *amor* não se limita às relações entre duas ou três pessoas, amigos, ou família, vai além.

Inclui as relações cívicas e políticas, incluindo a relação com a natureza. Dado que somos seres sociais e políticos, uma das mais altas expressões de amor é precisamente o amor social e político, que é decisivo para o desenvolvimento humano e para enfrentar qualquer tipo de crise.

Sabemos que o amor fecunda famílias e amizades; mas é bom lembrar que também fecunda relações sociais, culturais, econômicas e políticas, permitindo-nos construir uma “civilização do amor”, como gostava de dizer São Paulo VI e, na mesma linha, São João Paulo II.

Devemos dialogar, devemos construir esta civilização do amor, esta civilização política, social, da unidade de toda a humanidade. Tudo isto é o oposto de guerras, divisões, invejas, até das guerras em família. O amor inclusivo é social, é familiar, é político: o amor permeia tudo!

O coronavírus mostra-nos que o verdadeiro bem para cada um é um bem comum, não só individual e, vice-versa, o bem comum é um verdadeiro bem para a pessoa. Se alguém procura apenas o próprio bem é um egoísta. Ao contrário, a pessoa é mais pessoa quando abre o próprio bem a todos, e o partilha. A saúde não é apenas individual, mas também um bem público. Uma sociedade saudável é aquela que cuida da saúde de todos.

O verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte, não sabe o que isso é. De fato, quando amamos e geramos criatividade, quando geramos confiança e solidariedade, então emergem iniciativas concretas para o bem comum. E isto é verdade tanto a nível de pequenas e grandes comunidades como a nível internacional.

Aquilo que se faz em família, no bairro, na aldeia, na grande cidade e internacionalmente é o mesmo: é a mesma semente que cresce e dá fruto.

Pelo contrário, se as soluções para a pandemia tiverem a marca do egoísmo, quer de pessoas, empresas ou nações, talvez consigamos sair do coronavírus, mas certamente não da crise humana e social que o vírus evidenciou e acentuou. Portanto, prestai atenção a não construir sobre a areia (cf. Mt 7, 21-27)!

Para construir uma sociedade saudável, inclusiva, justa e pacífica, temos que o fazer sobre a rocha do bem comum. O bem comum é uma rocha. E esta é a tarefa de todos nós, e não apenas de alguns especialistas. São Tomás de Aquino disse que a promoção do bem comum é um dever de justiça que recai sobre todos os cidadãos. Cada cidadão é responsável pelo bem comum.

Retiro espiritual de fim de ano

E, para os cristãos, é também uma missão. Como ensina Santo Inácio de Loyola, orientar os nossos esforços diários para o bem comum é uma forma de receber e difundir a glória de Deus.

Assim, nos nossos gestos, mesmo nos mais humildes, tornar-se-á visível algo da imagem de Deus que temos dentro de nós, porque Deus é Trindade, Deus é Amor. Esta é a definição mais bonita de Deus na Bíblia. É-nos oferecida pelo apóstolo João, que amava tanto Jesus: Deus é amor. Com a sua ajuda, podemos *curar o mundo*, trabalhando juntos para o *bem comum*, não só para o próprio bem, mas para o bem comum, de todos.

Para concluir, escolhi uma das belas orações do Cardeal **John Henry Newman** (1801-1890):

Ó Jesus, ajudai-me a espalhar o vosso perfume onde quer que eu vá. Inundai a minha alma com o vosso Espírito e vida. Penetrai todo o meu ser e tomai posseção dele de tal maneira; que toda a minha vida seja uma irradiação da vossa. Iluminai, através de mim, e permaneçei tão dentro de mim, que todas as pessoas que eu encontrar, possam sentir a vossa presença na minha alma.

Permiti que, ao olharem para mim, vejam somente a Vós, Jesus! Ficai comigo, assim, resplandecerei com o vosso esplendor e serei luz para os outros. A luz, Jesus, virá toda de Vós, nada dela será minha; sereis Vós que resplandecereis sobre os outros através de mim.

Sugeri-me o louvor que mais vos agrada, iluminando outros à minha volta. Que eu não pregue com palavras, mas com o exemplo, com o vigor das minhas ações, pela evidente plenitude do amor que existe por Vós no meu coração. Amém.

Padre Bernard SCHOEPFER, CM
Diretor geral

Notas:

¹ SL, E.10, pág. 792-793: “Pensamentos durante o Retiro Espiritual, pelo ano de 1628”.

² SL, E.85, pág. 918.

³ SL, E. 106, pág. 955: “Pensamentos sobre a Imaculada Conceição”.

⁴ Audiência geral, quarta-feira, 9 de setembro de 2020

*Doadas a Deus, em Comunidade,
para o serviço dos Pobres*

A Comunidade fraterna para a missão

I - O NOVO MANDAMENTO

“Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35). Através do novo mandamento que confia aos seus discípulos, Jesus nos apresenta o mandamento que é a alma de toda a Lei, mandamento este que explicou pacientemente durante toda a sua vida pública: este é o único mandamento imperativo que Jesus dá aos seus apóstolos, este mandamento inevitável que ele transmite aos seus amigos na última ceia, após o lava-pés, recapitulando assim toda a antiga Lei.

Jesus não nos disse: “Amai aos outros”. Ele não disse apenas: “Amai-vos uns aos outros”. Ele nos disse: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 13, 34). Esta novidade se manifesta assim no que Jesus nos diz: “*Sem mim - fora de mim - nada podeis fazer*” (Jo 15,5) - tu amarás o próprio Deus, Deus no teu próximo, o teu próximo, não somente a ti - com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças (Dt 6,5) - mas também, com a minha graça, comigo. Como eu amei o meu Pai no meio de vós e como eu vos amei, assim eu vos dei o exemplo: já não amareis sozinho, mas comigo, já não estareis só, mas com a minha ajuda.

O mandamento que Jesus nos deixa é único: portanto, só ele deve irrigar, habitar, informar - ou seja, decidir, animar, formar a partir do interior - toda a nossa vida. Assim, podemos e devemos aplicá-lo em todas as ações e atitudes da nossa existência. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” significa, entre outras coisas: “escutai-vos uns aos outros, como eu vos tenho escutado”, “olhai-vos uns para os outros, como eu vos tenho olhado”,

"falai-vos uns com os outros, como eu vos tenho falado", "sede pacientes uns com os outros, como eu tenho sido paciente convosco", "perdoai-vos uns aos outros, como eu vos perdoei", "entregai as vossas vidas uns pelos outros, como eu entreguei a minha vida por vós...".

II - ESPIRITUALIDADE DE COMUNHÃO

No encerramento do Grande Jubileu do ano de 2000, João Paulo II nos encorajou em uma carta apostólica, *Novo Millennio Ineunte*, para viver a espiritualidade de comunhão. Compartilho aqui o nº 43 da referida carta:

Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. Que significa isto em concreto? Também aqui o nosso pensamento poderia fixar-se imediatamente na ação, mas seria errado deixar-se levar por tal impulso.

Antes de programar iniciativas concretas, é preciso promover uma espiritualidade da comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar; os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades.

Espiritualidade da comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida, também, no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa, também, a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como "um que faz parte de mim", para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade.

Espiritualidade da comunhão é ainda a capacidade de ver antes de mais nada o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um "dom para mim", como o é para o irmão que diretamente o recebeu. Por fim, espiritualidade da comunhão é saber "criar espaço" para o irmão, levando "os fardos uns dos outros" (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo,

suspeitas, ciúmes. Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento.

III - A COMUNIDADE LOCAL À LUZ DAS CONSTITUIÇÕES

Releiamos esses dois artigos das Constituições

C. 9: *Os Fundadores viram na vida fraterna um dos sustentáculos essenciais da vocação das Filhas da Caridade. Esta vida comum e fraterna é vivida na Comunidade local, onde as Irmãs se acolhem na fé com simplicidade de coração. Na alegria, dão testemunho de Jesus Cristo e se reabastecem continuamente em vista da missão.*

C. 32: *A Comunidade local deseja ser a imagem da Trindade, segundo a expressão dos Fundadores, que querem que as Irmãs não sejam senão um só coração e que ajam no mesmo espírito.*

Essa comunidade se constrói dia a dia pelo dom de si e o compromisso de cada uma. É um lugar de afeição, que favorece o crescimento humano e espiritual bem como a criatividade apostólica. As Irmãs unidas na convicção de um mesmo apelo, acolhem-se mutuamente com estima, respeito e confiança. Esta visão de fé dispõe o coração a uma verdadeira amizade, à aceitação das diferenças, que, longe de separar, contribuem para um enriquecimento recíproco.

Com simplicidade e humildade as Irmãs se entreejudam a caminhar juntas para o Senhor. Sua vontade de conversão concretiza-se pelas revisões comunitárias regulares, pela caridade espiritual e a correção fraterna vividas num clima de verdade e caridade.

A reconciliação, o perdão mútuo, tão recomendados pelos Fundadores, permitem superar o que tenha sido obstáculo à unidade e ao testemunho evangélico.

A comunidade torna-se assim uma comunhão onde cada uma doa e recebe e coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço de todas.

IV - A “MÍSTICA” DO VIVER JUNTAS

Por ocasião do encerramento do Ano da Fé, em 24 de novembro de 2013, solenidade do Cristo Rei do Universo, o Papa Francisco nos presenteou com a sua primeira exortação apostólica: *Evangelii Gaudium*, da qual destaco aqui o n° 87:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada.

Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos.

V - CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE NO MUNDO ATUAL

Retomemos alguns elementos da terceira exortação apostólica: *Gaudete et Exsultate*, de 19 de março de 2018, do n° 140 ao 145:

Em comunidade:

- É muito difícil lutar contra a própria concupiscência e contra as ciladas e tentações do demônio e do mundo egoísta, se estivermos isolados. A sedução com que nos bombardeiam é tal que, se estivermos demasiado sozinhos, facilmente perdemos o sentido da realidade, a clareza interior, e sucumbimos.

- A santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois.

- A comunidade é chamada a criar aquele “espaço teologal” onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado”. Partilhar a Palavra e celebrar juntos a Eucaristia nos torna mais irmãos e vai-nos

transformando pouco a pouco em comunidade santa e missionária. Isto dá origem também a autênticas experiências místicas vividas em comunidade, como no caso de São Bento e Santa Escolástica, ou daquele sublime encontro espiritual que viveram juntos Santo Agostinho e sua mãe Santa Mônica.

Irmã Elisabeth Charpy diz que “*Vicente de Paulo e Luísa de Marillac enriqueceram a Igreja por suas fundações para o serviço dos pobres e sua Evangelização, e iluminaram o mundo com seu testemunho de vida simples, humilde e cheia de amor*” (Charpy, Irmã Elisabeth, *Contra ventos e mares*, Luísa de Marillac, pág. 167).

- Contudo estas experiências não são o mais frequente, nem o mais importante. A vida comunitária, na família, na paróquia, na comunidade religiosa ou em qualquer outra, compõe-se de tantos pequenos detalhes diários. Assim acontecia na comunidade santa formada por Jesus, Maria e José, onde se refletiu de forma paradigmática a beleza da comunhão trinitária. E o mesmo sucedia na vida comunitária que Jesus transcorreu com os seus discípulos e o povo simples.

Lembre-mo-nos como Jesus convidava os seus discípulos a prestarem atenção aos detalhes:

O pequeno detalhe do vinho que estava acabando em uma festa;

O pequeno detalhe duma ovelha que faltava;

O pequeno detalhe da viúva que ofereceu as duas moedinhas que tinha;

O pequeno detalhe de ter azeite de reserva para as lâmpadas, caso o noivo se demore;

O pequeno detalhe de pedir aos discípulos que vissem quantos pães tinham;

O pequeno detalhe de ter a fogueira acesa e um peixe na grelha enquanto esperava os discípulos ao amanhecer.

- A comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai (Gaudete et Exsultate, n.ºs 143 a 145).

VI - NOSSOS COMPROMISSOS

Da reflexão da Assembleia provincial da Quase-Província, referente ao terceiro desafio da mística do viver juntas, destaco particularmente dois pontos:

- Em um contexto intercultural, aprofundar o espírito de comunhão para construir comunidades autênticas, humanas e humanizantes que vejam nas Irmãs o rosto de Cristo.

- Aprofundar a dimensão espiritual do viver juntas e estar abertas à interculturalidade, valorizando a estima e o respeito de cada Irmã e acolhendo-a na sua alteridade e na sua riqueza.

VII - A PROGRESSIVA ABERTURA DO AMOR

Para concluir, cito o parágrafo 95 da terceira Carta encíclica do Papa Francisco: *Fratelli Tutti* de 03 de outubro de 2020.

Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Por sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, em uma aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8).

Rezemos com Santa Luísa:

*“Viver como vos agrada,
mas de vossa vida que é plena de amor:
Porque não poderia ir-me deste mundo
para o oceano do vosso Divino Ser!
Desejaria mais vida para vos seguir,
mais alegria que vos amar
e querer vossa vontade.*

*Meu Salvador, concedei-me esta graça
pelo amor que tendes à Santíssima Virgem”.*

(CHARPY, Elisabeth, Rezar com Luísa de Marillac, A. 26, pág.4)

Padre Bernard SCHOEPFER, CM
Diretor geral

Carta de 25 de janeiro de 2021

A todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Através da carta de 26 de abril de 2019, convoquei a X Assembleia geral da Companhia das Filhas da Caridade para o período de 14 de maio a 6 de junho de 2021. Em seguida, a pandemia da COVID-19 veio desordenar o mundo e todas as previsões.

Sei que, em condições por vezes muito difíceis, imensos esforços foram feitos para a realização das Assembleias Provinciais.

O caráter importante da Assembleia geral exige a participação presencial dos seus membros. Diante da atual situação sanitária, parece impossível que todas as Visitadoras e delegadas possam viajar para Paris nas datas previstas.

Durante a sessão do Conselho deste 20 de janeiro, após ter consultado as Visitadoras, o Conselho geral da Companhia estudou outras possibilidades de datas, as quais me foram propostas. De acordo com a C. 87b, convoco a X Assembleia geral da Companhia das Filhas da Caridade para o período de 29 de outubro a 21 de novembro de 2021, na rua du Bac, nº 140 - Paris. Ela será precedida por um retiro entre 19 e 27 de outubro de 2021. Esperamos que estas novas datas possam ser mantidas.

Que pela intercessão de São Vicente de Paulo, o Senhor nos conceda as graças necessárias para continuar com coragem e audácia nosso serviço junto aos pobres. Que Maria, única Mãe da Companhia, acompanhe-nos e auxilie-nos.

Com a certeza da minha oração

Seu irmão em São Vicente,

Padre Tomaž MAVRIČ, CM
Superior geral

Carta de 2 de fevereiro de 2021

Queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Neste 2 de fevereiro, tive a alegria de encontrar o Padre Tomaž Mavrič para transmitir-lhe os seus pedidos de Renovação e apresentar-lhe o meu. Senti muita emoção, mas, sobretudo, um grande sentimento de ação de graça ao compreender o imenso elã, que representa para a Companhia o pedido de cada Filha da Caridade, efetuado com tanta fé e verdade. Conversamos sobre os acontecimentos vividos na Companhia durante todo este ano, particularmente, sobre o nosso pesar pela morte da Irmã Kathleen. Invocamos também o transtorno planetário causado pela Covid que provocou a morte de mais de dois milhões de pessoas, entre as quais muitas Filhas da Caridade. Entre as 698 Irmãs falecidas em 2020, 169 morreram por causa da pandemia.

A pobreza gerada por este flagelo levou-nos a falar sobre a atenção, a criatividade e a coragem que cada Filha da Caridade testemunhou durante todos estes meses no auxílio à população sofredora.

O Padre Tomaž nos concedeu a permissão para renovar os votos no dia 25 de março de 2021 e nos assegurou a sua oração e o seu apoio. Concluímos o nosso encontro expressando a nossa esperança e a nossa fé no Deus vivo, que procura somente nos encontrar, quando lhe abrimos o coração. A Renovação é o momento oportuno para a retomada desta consciência.

De fato, renovar o dom total a Deus na Companhia é um processo, acima de tudo de fé, de aprofundamento, de releitura pessoal e comunitária do caminho percorrido durante o ano, tanto das resistências como dos progressos e, sobretudo, que permite nos lançar novamente em direção ao futuro.

Através desta experiência pessoal, observamos progressivamente, ano após ano, que a alegria prometida àqueles e àquelas que se doam, torna-se realidade. Reconheçamos humildemente que ela é o resultado da obra de Deus e que o tempo é indispensável. A paciência e a confiança são duas condições necessárias para perseverar, a exemplo de Simeão e de Ana que aguardaram, na fé e na esperança, o encontro com o Senhor.

Percebemos esta mesma paz nos rostos daquelas que já passaram dos 60, 70 ou mais anos de vocação. Além dos momentos difíceis que viveram e dos atuais, devido à saúde ou simplesmente ao envelhecimento, os sorrisos testemunham que o Senhor ajudou a superar os obstáculos inevitáveis da vida. Logo, é uma ação de graça pelo dom da fidelidade e da alegria de ter perseverado. As suas correspondências expressam isto muito bem, por ocasião dos jubileus.

“Resposta de amor a um apelo de Amor” (C. 29b). Esta expressão das Constituições para definir a castidade pode ser aplicada aos demais votos. De fato, eles são dons de Deus para acolher e produzir frutos. Eles existem para nos ajudar a amar mais e de forma concreta, para nos ajudar a ser discípulas de Jesus, a quem escolhemos seguir, casto, pobre, obediente... e Servo.

Portanto, é uma questão de trabalhar a terra, cultivá-la e retirar dela tudo o que é inútil ou, às vezes, prejudicial ao desenvolvimento da nossa vida totalmente doada. Deus semeou em nós a semente da vocação e o dom da fidelidade aos nossos votos. *“A que caiu na terra boa são os que ouvem a Palavra com um coração bom e generoso, conservam-na, e dão fruto na perseverança”* (Lc 8, 15).

Como cuidamos da nossa terra para que a semente cresça, se desenvolva e se torne aquilo para a qual foi criada: ajudar-nos a viver o encontro com Deus em comunhão com as pessoas próximas e distantes?

Como os votos nos ajudam a viver o encontro? Como os votos estão ao serviço da caridade? De fato, ambas são uma mesma questão.

ACOLHER A CASTIDADE PARA DILATAR O NOSSO CORAÇÃO

“Acolhem a castidade como dom que liberta seu coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres” (C. 29a).

Nós recebemos um chamado para deixar tudo: *“Vem e segue-me!”* (Mt 19, 21). O que significa “deixar tudo”, sem viver o voto de castidade?

Nós somos essencialmente seres de relação. Deus nos quis assim: relação com Deus, relação conosco e relação com os outros. Viver todas estas relações castamente, longe de ser uma obrigação, é na verdade uma extraordinária abertura à vida relacional.

Em nossa relação com Deus: Deus acolhe nossos pedidos, porém, deseja também de nós uma presença amorosa, que não espera nada em troca. Isto é ao mesmo tempo algo simples e difícil! Simples, porque basta estar presente para se deixar contemplar por Cristo, uma experiência abençoada que alimenta a nossa relação com Deus. Difícil, porque estamos frequentemente dispersas, sobrecarregadas com as nossas preocupações, as nossas angústias e com as nossas reivindicações. Então, o perigo está em querer exigir de Deus e, de uma certa forma, querer possuí-lo.

Uma relação casta consigo mesma, significa acolher simplesmente os seus dons, as suas limitações; aceitar as frustrações de todo o tipo, porque nem tudo é possível. A castidade coloca-nos num caminho de humildade, redirecionamos, repetidas vezes, ao que realmente somos, a fim de abandonarmos a imagem idealizada que possamos ter de nós mesmas para considerarmos o outro, os outros, como as pessoas mais importantes, sem exclusividades.

Enfim, a castidade para abrir-se ainda mais e, especificamente, aos mais pobres. Existem sinais para reconhecer uma relação casta no serviço, por exemplo: sentimentos e atitudes que não monopolizam e não impõem aos outros aquilo que parece bom, a capacidade de se aniquilar quando necessário, uma disponibilidade inabalável que torna capaz de abandonar uma missão para responder a um novo chamado.

A castidade libera espaços no coração onde Deus e os outros podem ocupá-los. O verdadeiro encontro torna-se possível e pode gerar vida num acolhimento mútuo.

Escutemos São Vicente, com as palavras de sua época, evidentemente, mas, pensemos que ele nos convida a uma certa radicalidade evangélica para melhor amar: *“Desterremos do nosso coração o afeto pelos nossos parentes, pelas nossas pátrias, a preferência de uma Irmã por outra, o desejo de estar em tal paróquia, a simpatia por tal senhora. Ah! Salvador! Afastemos tudo isto de nós e o cuidado de nós próprios para não pensarmos senão na vinda do Esposo”* (SV, conf. de 25 de novembro de 1658, pág. 851).

Peçamos ao Senhor que nos ajude a acolher a castidade para dilatar o nosso coração.

ESCOLHER A POBREZA PARA MELHOR PARTILHAR

“Preocupadas em partilhar a vida dos pobres, esforçam-se para se converter cada dia à pobreza evangélica, tal como a viveram os Fundadores” (C. 30b).

Nossos fundadores nos propõem viver esta pobreza evangélica como as primeiras comunidades cristãs. *“...não terão nada seu; terão tudo em comum”* (SV, conf. de 20 de agosto de 1656, pág. 596).

Como traduzir isto concretamente, hoje, no século XXI? Parece-me, de fato, que a resposta é bastante simples, na medida em que cada uma se compromete a ser fiel a esta exigência e às suas consequências, principalmente, a dependência.

Uma vez que nada nos pertence e tudo deve ser posto em comum, o discernimento sobre o uso dos bens é feito em Comunidade, na Província e a nível geral, como propõem as Constituições. Não é uma opção organizacional, mesmo que isto deva ser levado em consideração, acima de tudo, é uma escolha evangélica, para ser compreendida e vivida na fé.

Não ter nada de próprio, cria uma sensação de leveza que nos abre aos que nos rodeiam e facilita a partilha. O desapego dos bens materiais, a escolha por um estilo de vida simples, liberta o coração para um dom total, conforme a nossa identidade. Isto torna possível um encontro autêntico e sincero com os mais pobres, que se sentirão acolhidos pelo que são, filhos de Deus, como irmãos e irmãs, como amigos.

Em julho de 2013, o Papa Francisco disse aos jovens seminaristas e noviços: “*A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter, não! Nasce do encontro, da relação com os demais...*”

O contexto mundial atual nos desafia a rever nosso estilo de vida. Existe a urgência de repensar nossa maneira de utilizar os bens. O Documento Interassembleias expressou isto como uma das convicções maiores: “*ter um estilo de vida que testemunhe a pobreza evangélica mais radical*”. Cada uma já trabalhou muito sobre este tema nas Províncias e Comunidades. Durante as Assembleias, todas abordaram este assunto. Concretamente e, com lucidez, é possível ir um pouco mais além?

A coerência neste quesito é um testemunho no qual o mundo é muito sensível, pois: “*Somente a prática pessoal e comunitária desta pobreza dará um testemunho autêntico*” (C. 30b). A questão em si está na credibilidade para anunciar Cristo. Cada uma é responsável e pode interrogar-se pessoalmente: quais são as minhas respostas ao chamado para viver a pobreza do Evangelho? A minha vida está construída em Cristo ou em uma necessidade de segurança que me leva à acumulação?

E quanto aos locais comunitários, podemos sonhar que contenham menos objetos supérfluos? Que haja menos conforto? Sem muita decoração excessiva? Sem tantos sinais de riqueza?

“*Quem há de querer ser rico depois do Filho de Deus ter querido ser pobre!... Minhas Filhas, ao entrardes para a Companhia, escolhestes Nosso Senhor por Esposo, destes-lhes a vossa palavra...*” (São Vicente, 20 de agosto de 1656, pág. 596 e 599).

Demos as nossas vidas a Cristo, entregando-nos aos pobres e vivendo próximas deles. Questionemo-nos honesta e claramente, sem ambiguidade. Juntas e de forma muito concreta, desejemos ser radicais na vivência cotidiana do nosso voto de pobreza! Este é um caminho de liberdade. Sejamos felizes por viver uma verdadeira sobriedade e com um coração livre. Este é o caminho mais seguro para encontrar os nossos irmãos e irmãs os pobres.

Peçamos ao Senhor que nos ajude a escolher a pobreza para melhor partilhar.

AMAR A OBDIÊNCIA PARA JUNTAS MELHOR SERVIR

“A disponibilidade ajuda todas as Irmãs a superar suas próprias opiniões e interesses em vista do bem comum e permite à Companhia assegurar os serviços que lhe estão confiados” (C. 31c).

Devemos reconhecer que a obediência na sociedade atual é desvalorizada e, frequentemente, percebida como uma alienação, na melhor das hipóteses, como uma forma de descomprometimento. Neste contexto, de que maneira podemos compreendê-la como uma escolha livre que nos ajuda a melhor amar e a servir os nossos irmãos e irmãs?

A obediência que queremos viver é a de Jesus Cristo, que *“tornou-se obediente até a morte...”* (cf. Fl 2, 8). Isto significa dizer que, cada uma é chamada a entrar neste movimento de amor. Ele se fez obediente para servir até o fim.

É também a obediência de Maria: *“Eis aqui a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa Palavra”* (Lc 1, 38). Maria primeiro questionou e, depois, total e livremente consentiu a obra de Deus nela.

Nossa obediência não é um ato às cegas e imprudente. É um ato pessoal, mas ao mesmo tempo comunitário, uma vez que compromete a Companhia no que ela tem de mais importante: o serviço de Cristo nos pobres.

“Uma razão que vos obriga à obediência é que, sem ela, não podeis perseverar na vossa vocação, pois, minhas Irmãs, desde que a obediência não exista entre vós, adeus pobre Caridade, está morta. Mas, enquanto esta santa prática estiver na Companhia fará bem...” (SV, conf. de 23 de maio de 1655, pág. 515).

Como viver hoje a obediência de uma maneira responsável, livre, generosa e com espírito de fé? Uma atitude que não é superficial, mas, baseia-se num profundo desejo de se conformar ao Cristo, colocando-O no centro, com aqueles e aquelas que desejamos servir.

O exercício da autoridade requer escuta, diálogo e confiança. O exercício da obediência exige estas mesmas condições. Quais são as minhas disposições de espírito quando entro num diálogo onde a obediência está em jogo? Tomemos consciência da interdependência da prática deste voto.

Outro aspecto importante, indissociável da obediência, é a disponibilidade. Por natureza, as Filhas da Caridade têm o zelo apostólico bem arraigado no coração. Tudo o que é vivido em cada Província demonstra isto: o desejo sagaz para amenizar a miséria, o empenho para estar aberta às pessoas e rezar continuamente pelas mais pobres, a criatividade ao inventar maneiras para melhor acompanhá-las. Sou testemunha diária disto quando leio as suas cartas, as quais expressam ardorosamente os seus serviços, especialmente, durante este período interminável de pandemia que multiplicou a pobreza.

Contudo, somos muito humanas e a disponibilidade deve ser cultivada para que o voto de obediência não seja vivido de forma ilusória ou incoerente. Consideremos três possíveis níveis de disponibilidade:

Na vida diária, através da abertura do espírito e dos pequenos gestos na Comunidade, onde felizmente, somos tão diferentes umas das outras. Esta é a obediência cotidiana.

A disponibilidade para a missão onde cada uma está pronta para partir quando um chamado é feito, tanto no âmbito da Província como da Companhia. Esta é a obediência missionária.

Finalmente, a disponibilidade do coração que nos coloca numa atitude de acolhimento na oração e no diálogo, em especial, nos momentos de partilha comunitária ou com a Irmã Servente. Esta é a obediência ao Espírito. Assim, podemos dizer com os apóstolos: “*O Espírito Santo e nós decidimos...*” (cf. Atos 15, 28).

O voto de obediência é, especificamente, para ser vivido em conjunto. Então, desapegadas da nossa própria vontade, permite-nos encontros livres e generosos ao serviço dos outros e, sobretudo, viver de "portas abertas" para nos enriquecermos umas com as outras.

Peçamos ao Senhor que nos ajude a amar a obediência para juntas melhor servir.

SEGUIR O CRISTO SERVO NO SERVIÇO DOS POBRES

Chegamos no âmago da nossa vocação, ou mais precisamente, no coração do Evangelho.

“O serviço é para elas a expressão do seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado” (C. 16b). “Acolher a castidade para dilatar o nosso coração”; “Escolher a pobreza para melhor partilhar”; “Amar a obediência para juntas melhor servir”. Tudo está orientado para o serviço, e os votos estão impregnados do serviço. Trata-se do carisma transmitido de geração em geração.

Consideremos o voto do serviço dos pobres a partir do tema das Assembleias e, particularmente, sob o ângulo do encontro.

O Evangelho está repleto de encontros de Jesus com os homens e as mulheres do seu tempo. Em todo lugar por onde Ele passou, criou vínculos e um ambiente de encontro, ou seja, ao redor dEle as pessoas falavam, questionavam, eram curadas e, muitas vezes, partiam para evangelizar.

Jesus cuida de cada pessoa, sem distinção. Ele inspira confiança e torna mais fácil o diálogo.

Contemplar Jesus em suas relações nos dá a imagem do Cristo que queremos seguir: *“Na escola do Filho de Deus, as Filhas da Caridade aprendem que nenhuma miséria lhes deve ser estranha”* (C.11a). Cristo é aquele que nos mostra o caminho do encontro, fundamento de todo o serviço aos pobres. Sabemos dedicar tempo suficiente para encontrar, antes de agir? Meditemos todos os dias a Palavra de Deus, especialmente, as passagens onde Jesus vive o encontro: contemplemos o seu olhar, a sua benevolência, a sua ternura, e deixemo-nos moldar por eles.

De fato, todas já o fazem, pois, quando leio as suas cartas ou ouço as Conselheiras gerais que estão mais em contato com as Províncias, percebo a importância que é concedida a qualidade do serviço e a atenção que é dada às pessoas. A compaixão é o ponto de partida que expressa a sua proximidade. Todas se sentem tocadas pelo sofrimento, no mais profundo do seu coração, porque se dedicam ao tempo do encontro, antes de "agir". Estes encontros fazem-nos muitas vezes nomear pessoas. Não são os pobres em geral que são servidos, mas... Oscar, Marta, Pavel, Mihretab, Ema, Yoly, Martina, Vanessa, José, Reinaldo...

Rezemos por eles, por aqueles e aquelas que cada uma pode nomear... agora...

Todas vivem profundamente cada um dos encontros como sinais da passagem de Deus. Isto revela o quanto o voto de serviço dos pobres é o voto fundamental e que, por amor aos seus irmãos e irmãs mais sofredores, cada uma escolheu viver a castidade, a pobreza e a obediência, a fim de melhor cumprir aquilo para o qual o Senhor as chamou na Companhia.

Peçamos ao Senhor a graça de saber acolher, escolher, amar os nossos votos para melhor servir os nossos irmãos e irmãs.

Neste dia da Apresentação, contemplemos também Maria que nos mostra o caminho do serviço. Ela saiu porta a fora, foi em direção e soube mostrar-se inteiramente disponível para o encontro. No entanto, Maria foi avisada: “...*uma espada transpassará a tua alma*” (Lc 2, 35), disse-lhe Simeão. O encontro nem sempre é um caminho fácil. Por vezes, é necessário passar pelo medo, por perguntas sem respostas e assumir riscos. Mas, o Espírito mostra-nos a direção e temos a certeza de que Deus nos ama, caminha conosco e nos implica nesta trajetória.

"Ephata" para encontrar! Demos graças ao Senhor por uma vocação tão bela e transformemos os nossos momentos de encontro numa comunhão de mente e de coração.

Para terminar, em nome de todas, agradeço sinceramente ao Padre Tomaž Mavrič, ao Padre Robert Maloney, ao Padre Gregory Gay, ao Padre Javier Alvarez, ao Padre Patrick Griffin e, particularmente, ao Padre Bernard Schoepfer que acompanha fiel e fraternamente o Conselho geral e as Irmãs da Quase-Província. Dirijo igualmente o meu agradecimento à Irmã Juana Elizondo e à Irmã Evelyne Franc, que permanecem próximas de coração e pela oração à vida da Companhia. Minha gratidão se estende também à Irmã Kathleen Appler que nos assiste na comunhão dos santos.

Permaneçamos unidas na oração e no mesmo elã de generosidade, demos graças ao Senhor pelos dons recebidos para compartilhar com aqueles e aquelas que nos rodeiam.

Fraternalmente e com a certeza da minha oração.

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

Quaresma 2021

Meu Cristo partido

Queridos membros da Família Vicentina,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Após os acontecimentos dramáticos do ano passado, nos quais os sofrimentos causados pelas guerras, catástrofes naturais e a fome foram agravados pela pandemia da COVID-19, a nossa fé nos impulsiona a viver este novo ano de 2021 com esperança, mesmo em situações que, humanamente falando, são desesperadoras.

No início desta Quaresma, daremos continuidade a nossa reflexão sobre os fundamentos que fizeram de São Vicente de Paulo um “místico da Caridade” e, especificamente, sobre a relação dele e a nossa com o Cristo desfigurado, que começamos a contemplar com o ícone do “Salvador de Zvenigorod”.

Como eu escrevi na Carta do Advento do ano passado, a pessoa de Jesus está no coração da identidade de Vicente de Paulo como místico da Caridade, no coração da espiritualidade e do carisma vicentinos. Jesus é nossa razão de ser e a pessoa cuja forma de pensar, sentir, falar e agir se torna o nosso objetivo de vida. Vicente conhecia a importância da intimidade com Jesus para a conversão pessoal e um fecundo ministério: “...*nem a filosofia, nem a teologia, nem os discursos operam nas almas: é preciso que Jesus Cristo aja conosco e ou nós com ele, que operemos nele e ele em nós, que falemos como ele e no seu Espírito, assim como ele estava em seu Pai e pregava a doutrina que ele lhe ensinara*”¹.

Se o ícone do “Salvador de Zvenigorod” nos convida a contemplar o rosto de Jesus, esta reflexão para a Quaresma nos convida a um diálogo com Jesus desfigurado. Há 30 anos aproximadamente, encontrei um livro escrito por um jesuíta espanhol, Ramón Cué, cujo título é *O meu Cristo partido*. A capa do livro representava um crucifixo quebrado, nele faltavam: uma perna, o braço direito e os dedos da mão esquerda do Cristo; ele não tinha rosto, nem cruz. Esta imagem chamou a minha atenção e sua história suscitou em mim o desejo de ter uma representação semelhante.

O meu Cristo partido conta a história de um padre que gostava muito de obras de arte. Um dia, enquanto visitava uma loja de antiguidades, entre os muitos e belos quadros, esculturas e outras obras de arte, viu algo que, imediatamente, lhe chamou a atenção. Tratava-se de um crucifixo mutilado que, embora estivesse danificado, ainda tinha o seu valor no mercado, pois era obra de um artista bastante conhecido.

O padre ficou tão intrigado com este crucifixo que decidiu comprá-lo e restaurá-lo para restabelecer a sua beleza original. O restaurador a quem recorreu, percebeu que seria necessário muito trabalho para restaurar a escultura e por isso pediu uma grande quantia. O padre não podia pagar um preço tão elevado, por isso decidiu levar o crucifixo para casa, tal como ele estava, despedaçado.

No quarto de sua casa, olhando para o Cristo partido, o padre começou a sentir-se desconfortável, ao ponto de ficar aborrecido. Em voz alta, ele questionou: *“Quem poderia ter feito uma coisa desta com o Senhor? Quem poderia ter arrancado a sua cruz de uma forma assim tão brutal? Quem poderia ter desfigurado o seu rosto de forma tão cruel?”*

De repente, uma voz forte e transcendente disse: *“Cala-te! Fazes muitas perguntas!”*.

Esta voz penetrante, associada ao corpo mutilado, em nada apaziguou o padre. Ainda em choque depois de ouvir o Cristo falar, o padre quis consolá-lo e disse com voz trêmula: *“Senhor, tenho uma ideia que vos agradará. Encontrarei uma forma de restaurar-vos. Não quero ver-vos tão mutilado. Vereis como vou tornar-vos belo. Sabeis quão sois precioso. Tereis uma nova perna, um novo braço, novos dedos, uma nova cruz, e acima de tudo, tereis um novo rosto.*

Mais uma vez, ouviu-se uma voz e o Cristo disse com firmeza: “*Estou desapontado contigo. Falas demasiadamente. Eu te proíbo de restaurar-me!*”

Surpreendido pelo vigor e a persistência do Cristo partido, o padre respondeu: “*Senhor, não compreendeis. Será para mim um tormento constante ver-vos partido e mutilado. Não percebes o quanto ver-vos assim me entristece?*”.

O Senhor respondeu: “*Não me restaures! É exatamente isso que eu quero, que me vendo neste estado, te lembres dos meus irmãos e irmãs sofredores e te deixes tocar por eles. **Que ao ver-me tão partido e mutilado te sirva de lição para entender a dor dos demais, como símbolo que clamará a dor da minha segunda Paixão nos meus irmãos e irmãs. Deixa-me assim, quebrado! Beija-me partido!***”

O padre disse: “***Eu tenho um Cristo sem cruz. Algumas pessoas podem ter uma cruz sem Cristo. Ele não pode descansar sem cruz e, uma cruz pessoal só pode ser carregada com Cristo***”. Começamos a procurar uma cruz de madeira para o Cristo partido, onde Ele pudesse descansar. Em vez disso, encontramos a nossa cruz. **Coloquemo-los juntos e, o Cristo partido estará completo.** O Cristo partido repousa sobre a nossa cruz, e nós carregaremos a cruz juntos”.

Ainda insatisfeito, o padre continuou o seu intenso diálogo com o Cristo: “*Eu gostaria de restaurar a mão que falta*”. O Senhor respondeu-lhe: “*Eu não quero um braço de madeira. Quero uma mão verdadeira, de carne e osso. **Quero que tu sejas a mão que falta!***”.

“*Senhor, exclamou o padre, vós tendes apenas uma perna. Não podeis sequer caminhar sozinho. Necessitas de ajuda*”. Cristo respondeu: “*Preciso trabalhar, como fazia em Nazaré*”. O padre disse: “*Se quiserdes, estou pronto para vos acompanhar na busca de um trabalho. Porém, previno-vos que, visto o vosso atual estado, **a menos que vós vos apresenteis como o próprio Cristo, jamais encontrareis um emprego***”.

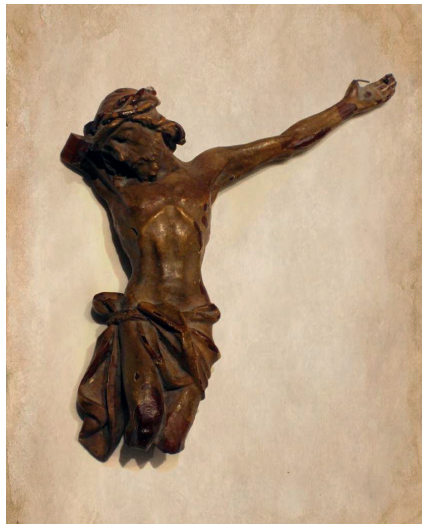
O Senhor proíbe o padre de apresentá-Lo como o Cristo. Juntos, foram à diversas lojas e empresas, porém, ninguém ofereceu-Lhe um emprego. Então, com um grande suspiro, Cristo expressou: “*Como se pode dizer que se ama a Cristo e, com o mesmo coração desprezar aqueles que buscam um trabalho honesto?*” “***Eu sou eles e eles são eu***”.

O padre lamentou: “*Como é difícil para mim amar o Cristo sem rosto*”. Então, ele passou muitas horas a buscar um rosto bonito adaptado para o Cristo mutilado, para aliviar a sua inquietação interior, porém, Cristo falou-lhe mais uma vez, com uma voz forte: “***Quero permanecer assim, partido, sem fisionomia. Por qual motivo queres me restaurar, para ti ou para os outros? Ver-me neste estado deteriorado te incomoda?***” Depois, com um tom mais suave, disse: “***Por favor, aceita-me tal como sou. Aceita-me quebrado, aceita-me com o rosto desfigurado***”.

Cristo continuou: “***Tens contigo o retrato do teu inimigo, de alguém que tu não gostas? Coloque o retrato dessa pessoa no meu rosto, coloque no meu rosto o retrato das pessoas mais abandonadas, das mais rejeitadas, das mais pobres. Compreendes? Dei a minha vida por todos eles. No meu rosto se encontram todos os seus rostos. Compreendes isto?***”.

Após longos diálogos com o Cristo, finalmente, o padre compreendeu a mensagem e, com uma voz suave e cheia de desejo, disse: “***Senhor, gostaria de aceitar o vosso convite, contudo, eu vos suplico, ajudai-me! Ajudai-me!***”

Após vários anos desejando encontrar minha representação de um Cristo partido, finalmente o grande dia chegou. Próximo de um prédio, olhei para a minha direita e, ali estava: um Cristo partido. Não sei como a escultura chegou até ali. Com frequência eu passava diante deste prédio, porém, nunca vi qualquer outro objeto velho ou quebrado depositado ali para que alguém o pegasse.



Lembro-me da minha emoção e da minha impaciência, interrogando-me se eu conseguiria a autorização para obter esta escultura. Após ter pedido e recebido a permissão, fui correndo pegar o Cristo partido e o levei para casa. Ao chegar no meu quarto com “o meu Cristo partido”, comecei a chorar e, desde então, nunca mais nos separamos.

Por que eu quis ter um Cristo partido? Naturalmente, assim como o padre da história, eu teria preferido um Cristo formoso, intacto, numa bela cruz, que ficasse pendurado na parede para ser venerado. Porém, de onde vem este desejo de encontrar um Cristo partido? Certamente, não da minha parte. A única resposta que posso encontrar é: vem de Cristo.

O Cristo partido torna-se aos nossos olhos, um sinal claro que nunca deixa de perturbar a nossa tranquilidade e de nos chamar à conversão. Ele convida-nos a um diálogo contínuo no aqui e agora do mundo e das nossas relações diárias. Este Cristo partido ajuda-nos a nos apresentar perante Ele com a nossa realidade humana e com a realidade de cada ser humano.

Cristo está sempre pronto a ouvir e a aconselhar. Ele continua desafiando-nos, com mansidão e infinita misericórdia, a responder perguntas, tais como: na sua opinião, por qual razão as pessoas me desfiguraram tanto? Um Cristo partido provoca em nós desconforto? As pessoas deformadas deixam-nos desconfortáveis? O que poderia nos levar a uma mudança de atitude em relação àqueles que são considerados desfigurados? Qual é a nossa posição em relação a esta realidade?

Foi o diálogo permanente de São Vicente com Jesus que inspirou as suas respostas e conselhos:

“Ó Deus, como é belo ver os pobres, se os consideramos em Deus e na estima que Jesus Cristo teve para com eles! Mas, se os considerarmos segundo os sentimentos da carne e do espírito mundano, parecerão desprezíveis”²².

“ ... Jesus Cristo morreu por nós, era já motivo para nos levar a estimar o próximo. Jesus amou-nos tanto que quis morrer por nós, e de tal maneira que pareceu querer-nos mais a nós que ao Seu Sangue precioso, pois, derramou-o para nos resgatar; e é como se dissesse que O estima menos de que os predestinados”²³

Meu próprio Cristo partido, quer esteja diante dos meus olhos ou nos meus pensamentos, convida-me a um verdadeiro diálogo. Que este tempo de Quaresma possa nos ajudar a aprofundar ou simplesmente iniciar um diálogo com o Cristo partido, o que certamente não nos deixará indiferentes.

Seu irmão em São Vicente,

Padre Tomaž MAVRIČ, CM
Superior geral

Notas:

- ¹ SV XI, 351-352: conferência 153, “Avisos a Antônio Durand” - Obras Completas São Vicente de Paulo: correspondência, colóquios, documentos, tradução de Getúlio Mota Grossi - Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2016.
- ² SV XI, 33, conferência 19, “sobre o espírito de fé” - Obras Completas São Vicente de Paulo: correspondência, colóquios, documentos, tradução de Getúlio Mota Grossi - Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2016.
- ³ SV X, 773, conferência 96, “sobre a “cordialidade, respeito e amizades particulares”.

Província Nuestra Señora de la Misión
América Sur

A caridade de Cristo nos impele ao deserto de Atacama



Absorvido pelo afluxo de migrantes venezuelanos, o norte do Chile vive atualmente uma "crise humanitária". Todos os dias, centenas de exilados atravessam ilegalmente a fronteira entre a Bolívia e o Chile. As autoridades locais dizem que estão sobrecarregadas. Em cinco anos, quase um milhão de estrangeiros vieram instalar-se no país. A cidade costeira de Iquique, com uma população de 200.000 habitantes, situada na região de Tarapaca, vê chegar diariamente, muitos migrantes, em sua grande maioria, venezuelanos. Famílias, crianças, adultos, com bolsas ou malas, chegam exaustos da travessia.

Atualidades
da
Província

Para fazer face ao número sem precedentes de refugiados e migrantes venezuelanos, o governo local do município de Huara, localizado na região de Tarapaca, criou um campo de refugiados no Deserto do Atacama, uma zona árida onde durante o dia faz muito calor e à noite a temperatura pode descer até zero graus. Os militares forneceram lonas para fazer um tipo de tenda e proteger os migrantes tanto do sol como do frio. Porém, muito rapidamente, o deserto do Atacama, um lugar inóspito, sem água, nem comida, tornou-se "superlotado", pois, a cada dia, chegam mais e mais refugiados.

A fim de evitar a contaminação maciça da população com a pandemia de Covid-19, o governo do Chile deu ordem

para evacuar os refugiados deste campo no deserto do Atacama e encaminhá-los para albergues e escolas do Estado, onde permaneceram confinados durante catorze dias. Somente depois de cumprir a quarentena é que puderam sair às ruas. Muitos deles continuaram o seu percurso em direção ao sul do Chile, arriscando suas vidas ao atravessar o deserto. Por outro lado, famílias com quatro ou mais crianças começaram a vagar pela cidade em busca de ajuda alimentar, dormindo na praia ou nas praças públicas.

Pouco antes do Natal, as famílias com crianças podiam ser vistas nas ruas, em todos os semáforos, tentando vender doces e mendigando algumas moedas.

Diante desta terrível crise humanitária, apesar das restrições sanitárias devido à pandemia, nós, Filhas da Caridade, comprometemo-nos a ajudar estes refugiados tanto quanto possível, providenciamos tendas e cobertores e criamos um restaurante solidário. Dada a chegada diária de centenas de refugiados, acrescentados por aqueles que deixam os albergues, somos obrigadas a dar prioridade às famílias com crianças.

Não estamos sozinhas nesta missão, trabalhamos com uma rede de colaboração: membros da Família Vicentina, Paróquias, Caritas, Organização Internacional para as Migrações (OIM). Atualmente, distribuímos mais de cem refeições, porém, as ajudas esgotam-se rapidamente.

Devido ao aumento explosivo do número de pessoas afetadas pelo Covid-19, a cidade de Iquique entrou em confinamento total em 4 de janeiro de 2021. As praias foram fechadas e os migrantes foram desalojados. Eles procuraram refúgio em praças públicas, sem sanitários, sem água para lavar o rosto. Carentes de tudo e ignorados pelas instâncias públicas, tornaram-se um perigo para a população e a xenofobia começou a aumentar.

Como as lojas e locais de trabalho estão fechados, há pouco movimento nas ruas. O custo do aluguel aumentou consideravelmente, e quando os migrantes conseguem alugar um quarto, não são aceitos pois, têm muitos filhos. Alguns deles gostariam de continuar o seu itinerário, mas os numerosos protocolos sanitários que são realizados nas regiões do país não os possibilitam.

Visto esta situação extremamente complicada, os pais de família tomaram a iniciativa de fazer pequenos trabalhos, tais como desinfetar as rampas e os assentos de ônibus com álcool em troca de algum dinheiro.

Todos os dias nos questionamos: quanto tempo durará esta situação? Até quando os direitos destes migrantes serão abusivamente violados? Como podemos ajudar de maneira mais efetiva?

A história de vida destas pessoas refugiadas é quase sempre acompanhada de lágrimas. Para nós, eles são Palavras de Deus, sustentam a nossa vida de oração e desafiam o nosso estilo de vida. Esforçamo-nos para manter constantemente uma atitude de escuta e de atenção às suas necessidades a fim de servi-los da melhor forma possível, apesar das restrições do Ministério da Saúde.

As palavras do Papa Francisco ressoam em nossas consciências: "*A nossa resposta comum poderia ser articulada em torno de quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar*".

Peçamos a Deus que nos conceda a força do seu Espírito para sair e encontrá-los todos os dias, para encontrar outras pessoas de boa vontade que desejem "estender-lhes a mão" e sair porta afora para sermos intermediárias do acolhimento, da proteção, da promoção e da integração.

Irmã Maria Isabel RUIZ
e a Comunidade de Iquique

Província da Índia do Sul

O serviço dos pobres, uma experiência onde cada um dá e recebe

Na imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, observamos a bela expressão de Maria que aponta para o coração terno e amoroso do Menino Jesus. Com amor, Maria conduz aqueles que imploram a sua intercessão, junto ao seu amado Filho, Jesus.

Quando a Virgem Maria apareceu, em 1830, na Capela da rua do Bac, ela disse à Santa Catarina: *“vinde aos pés deste altar, aí as graças serão derramadas sobre todos os que mas pedirem”*. A vida pública de Jesus permite-nos perceber o coração e o rosto do amor de Deus, esse amor misericordioso que, incondicionalmente, jamais cessa de se derramar sobre toda a humanidade. Maria convida-nos a encontrar refúgio "aos pés do altar", onde Jesus nos espera.

Quando uma pessoa vai ao encontro de Deus, seja ela rica ou pobre, doente ou saudável, em estado de pecado grave ou não, ela faz sempre esta oração: "Senhor, tende piedade", porque acreditamos num Deus de amor. Embora nos afastemos de Deus, Ele nunca desvia o Seu olhar de nós e, com a ternura de uma mãe, Ele espera sempre o nosso retorno com um coração incrivelmente misericordioso.

Cada Comunidade nunca deixa de tomar iniciativas para acompanhar os pobres com um coração misericordioso. Eis aqui o testemunho de duas Comunidades ao serviço de pessoas em grande precariedade, presentes no Sul da Índia, uma localizada no distrito de Kannur no Estado de Kerala, a outra em Bangalore, a capital do Estado de Karnataka.

A Casa “Marillac Bhavan Madathi”: ao serviço de uma órfã

"Marillac Bhavan Madathil" é um abrigo que acolhe aproximadamente cinquenta mulheres pobres, com idades variadas, todas com deficiência física ou mental. As quatro Irmãs da Comunidade cuidam destas mulheres e ajudam-nas a "retomar suas vidas", desenvolvendo o seu potencial, de acordo com as possibilidades de cada uma delas. As Irmãs também fazem visitas domiciliares e acolhem os pobres que vêm em busca de refúgio. Vejamos, agora, como a Irmãs encontraram Meghana.

Numa manhã, enquanto estávamos em oração, ouvimos um grito: "Irmã, Irmã!". Saímos para ver o que estava acontecendo, e sentada diante da porta da casa havia uma menina sozinha e chorando. Nós a acolhemos. Um pouco mais tarde, uma mulher começou a olhar para nós expressando tristeza e raiva. Perguntamos-lhe o que estava acontecendo, se ela estava bem. Então, sem hesitar, disse-nos que era a mãe da criança, que não queria a menina e que, se não a recebêssemos em nossa casa, ela pegaria a menina e a mataria. Depois ela fugiu. O nome da criança era Meghana.

Soubemos que ela veio de uma família hindu, por isso lhes permitimos que crescesse na sua religião, embora não a praticasse. Ela expressou o desejo de frequentar a Igreja Católica e aprender o catecismo. Finalmente, por insistência dela, preparamos-la para o Batismo, para o Sacramento da Reconciliação e para a Primeira Comunhão. No entanto, não foi fácil educá-la porque a pequena Meghana tinha grandes feridas psicológicas. Ela era colérica e triste, precisava de atenção e manifestava muito sentimento de culpabilidade. Felizmente, ela foi bem acompanhada tanto social, psicológica e espiritualmente e isto a ajudou a estabilizar-se.

Meghana pôde seguir os seus estudos e aos 18 anos de idade ela concluiu o ensino médio. Enquanto morava na Casa Marillac Bhavan Madathil, continuou os seus estudos para se tornar técnica de laboratório.

Ao concluir a formação, ela expressou o desejo de conhecer a sua mãe. Ajudamos a procurá-la na cidade e nas aldeias vizinhas, mas em vão. Alguém disse que o seu pai era alcoólatra e que maltratava tanto a mãe quanto a filha, por isso a mãe abandonara a sua filhinha. Foi tudo o que conseguimos saber.

Formada em técnica de laboratório, foi enviada à Casa São Vicente em Manmad, para trabalhar no nosso hospital. Manmad é uma cidade do

distrito de Nashik, no Estado de Maharashtra. As Irmãs rezaram muito para que ela encontrasse um bom marido, que fosse carinhoso com ela e a ajudasse a superar a falta de afeição e a rejeição da família. O Senhor permitiu que ela conhecesse um jovem católico. Cuidamos do casamento e, atualmente, Meghana está feliz e pode contar com o apoio dos seus sogros que a adotaram como sua própria filha. Depois de um tempo, ela deu à luz um filho e é muito grata a Deus e à Comunidade.

A Casa “Cheshire” ao serviço das pessoas com deficiência mental e física, em Whitefield (Bangalore)

Na Índia, existem 28 Casas "Cheshire", todas destinadas ao acolhimento de pessoas com deficiência mental e física, vindas de bairros pobres, cada uma sob a direção de um comité local. Desde março de 2015, as Filhas da Caridade são responsáveis pela Casa Cheshire, em Whitefield. Vivemos com 32 residentes, vindos das ruas ou dos bairros periféricos, com idades entre 25 e 87 anos, e a maioria usa muleta, andador ou cadeira de rodas.

Esta é a história de **Beula**, uma destas pessoas com deficiência.

Originária do estado de Tamil Nadu, Beula tem 85 anos de idade. Ela pertence à Igreja Protestante do Sul da Índia (CSI), que é a união de diferentes comunidades anglicanas, metodistas, congregacionistas, presbiterianas e reformadas. Quando Beula tinha 16 anos, o seu pai quis matar a sua mãe, ela colocou-se entre os dois e o pai feriu-a, provocando-lhe uma paralisia na mão direita, em seguida, diante dos seus olhos, ele matou a esposa. Beula ficou profunda e emocionalmente ferida. Uma de suas irmãs, que já era casada, a acolheu em sua casa, porém, o seu cunhado começou a maltratá-la; este novo trauma provocou-lhe um desequilíbrio mental. Membros da sua família trouxeram-na para a Casa Cheshire. Contudo, não basta simplesmente mudar-se para outro lugar para curar tais traumatismos. Por causa do seu comportamento violento, Beula precisou ser transferida para o Hospital Psiquiátrico de Bangalore, onde recebeu tratamento durante vários meses e, depois pôde regressar a Casa Cheshire.

Em março de 2015, quando chegamos na Casa Cheshire, em Whitefield, Beula estava lá. Conhecíamos o seu comportamento violento,

porém, ela não demonstrou qualquer reação negativa para conosco. Entrou numa depressão severa que durou mais de três meses, não falava, não queria comer, nem tomar banho ou sair do seu quarto, dormia pouco e falava em voz alta durante a noite. Em novembro de 2015, ficou subitamente doente, achávamos que iria morrer e levamo-la para o hospital. As suas artérias estavam obstruídas e precisavam de uma angioplastia. A família foi informada, porém, não concordou com a operação, não queria que Beula voltasse a sofrer, visto que ela se aproximava dos 80 anos. Apesar da doação de um benfeitor para pagar a cirurgia, os médicos respeitaram a decisão da família. Logo, a cirurgia foi cancelada. Após três dias na unidade de cuidados cardíacos intensivos, Beula voltou para casa. Ela estava feliz e parecia mais equilibrada. Mas, uma semana depois, entrou novamente em depressão. Um dia, um grupo da Igreja Protestante veio à Casa Cheshire e impôs as mãos sobre Beula. Desde então, ela melhorou, come, fala, sorri... Com fé e confiança, continuamos a rezar muito para que ela se recupere deste estado depressivo que a atormenta há mais de 60 anos. Beula atualmente lê a Bíblia e acreditamos que nada é impossível para Deus. Tentamos manifestar-lhe, tanto quanto possível, o nosso amor e paciência para que um dia ela possa saborear a verdadeira vida que Jesus veio dar-nos em plenitude.

Irmãs da Casa “Marillac Bhavan Madathil”
e da Casa “Cheshire”, em Whitefield

A

Santa Elizabeth Ann Seton, uma mulher de comunhão

História da Companhia

Quando me pediram para falar sobre Santa Elizabeth Ann Seton, hesitei muito, pois, não sou historiadora nem teóloga, muito menos especialista. No entanto, quanto ao título da palestra, eu não tive dúvida alguma: "Santa Elizabeth Ann Seton, uma mulher de comunhão".

O sacramento da Eucaristia foi o centro da sua vida e da sua conversão da confissão episcopal à Igreja Católica. A comunhão foi também o indicador sob o qual ela viveu toda a sua vida, e que moldou todas as suas relações e motivou cada uma das suas ações. Assim sendo, é sobre este espírito de comunhão que hoje proponho aprofundar.

Comecemos pela comunhão sacramental. A doutrina protestante não admite a Presença Real. No entanto, como jovem recém-casada, ela sente fortemente a atração pela comunhão simbólica, sinal da comunhão que Deus quer ter com as suas criaturas. Sob a orientação de um pastor zeloso, ela alimenta o seu desejo de união, correndo de um templo episcopal a outro nos "domingos de comunhão". O Senhor prepara o seu coração para a experiência da Igreja Católica em Itália, onde constata o fervor e o respeito dos fiéis ao Santíssimo Sacramento. Ela escreveu com uma certa inveja: *"Como seríamos felizes se acreditássemos no que eles acreditam: que eles possuem Deus no Sacramento, e que Ele habita nas suas Igrejas, e que é levado até àqueles que estão doentes!"* (I, pág.

292)¹. Antes de poder aderir a esta verdade, ela sabe respeitá-la e, ao visitar uma Igreja, fica muito ofendida com o escárnio de um turista protestante, no momento da consagração da chamada "Verdadeira Presença".

De volta a Nova Iorque, ela hesita, mas, do seu banco na Igreja Episcopal, volta-se quase inconscientemente para a Igreja Católica que fica vizinha e, para o Senhor que ela reconhece no altar e no Sacrário. Ele descreve a sua alegria de se unir ao Senhor, no dia 25 de março de 1805: *"Meu Deus, quão novos acontecimentos estão se realizando em minha alma! No dia da Anunciação, tornar-me-ei uma com Aquele que disse: 'Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis parte comigo'... 25 de março. Finalmente, Deus é meu e eu sou Dele! Agora, que tudo siga o seu curso. Eu o recebi! A longa caminhada até à cidade. Cada um dos meus passos: mais perto da rua, mais perto do Sacrário, mais próximo do momento em que Ele entrará na pobre, tão pobre e pequena morada, tão somente sua! E, quando lá estive! O primeiro pensamento que me veio à mente foi: "Que Deus seja exaltado, que os seus inimigos sejam dispersos". Pois, pareceu-me que em vez do humilde acolhimento, cheio de ternura que eu esperava dar-lhe, era mais um triunfo de alegria e júbilo, porque Ele, o libertador, tinha vindo como minha proteção, meu escudo, minha força e minha salvação, que se tinha feito meu neste mundo e no outro"* (I, pp. 376-377). Esta comunhão confirma a sua absoluta pertença ao Senhor, com o qual ela é agora "uma". Ela encontra Alguém a quem oferece pleno acolhimento e a quem concede poder sobre todas as suas faculdades.

O entusiasmo da nova convertida não desvanece, ela mantém toda a sua vida, a sua sede de Deus na Eucaristia e transmite-a aos outros. Para isso, ela preparar-se bem, assim como aos outros, quer sejam as crianças antes da sua Primeira Comunhão ou as suas Irmãs. Ela tem consciência de que não é digna, mas não deixa que os seus escrúpulos a impeçam de receber aquele que é Amor e, que a ama pessoalmente. Se Santa Luísa tinha um pequeno lenço para enxugar as suas lágrimas, após receber o Corpo de Cristo, Santa Elizabeth Ann chora frequentemente de alegria, enquanto espera para receber o seu Senhor. Numa época em que a regra ditava um jejum estrito da meia-noite até à comunhão, durante a sua última doença, alguns meses antes da sua morte, ela recusou a água que as suas Irmãs lhe imploravam que tomasse para acalmar a febre. Assim, ela pode receber o Santíssimo Sacramento pelo que pensa ter sido a última vez: diante do sacerdote, irrompe em lágrimas de desejo ardente.

Se a Eucaristia é o que conduz Elizabeth Ann à Igreja Católica, é também a Igreja que a leva a uma comunhão mais estreita com Deus. Elizabeth Ann tem buscado a Deus e a verdade sobre Ele desde a sua juventude. Ela alimentava-se da Sagrada Escritura, lendo primeiro a Bíblia Protestante e mais tarde a tradução inglesa autorizada para os católicos americanos. Ela marca as passagens que lhe são mais significativas - muitas vezes com vários pontos de exclamação! - e anota os seus pensamentos. A sua familiaridade com a Palavra de Deus levou-a a escrever: "*Ó meu Pai e meu Deus... a vossa palavra é verdade, sem qualquer contradição, onde quer que ela esteja. Uma fé, uma esperança, um batismo, é isso que eu procuro, onde quer que se encontre. Muitas vezes penso que os meus pecados, as minhas misérias, fazem uma barreira para a luz; no entanto, agarrar-me-ei, agarrar-me-ei a Deus até o meu último suspiro, pedindo-lhe luz, como um mendigo, e não mudarei até tê-la encontrado*" (I, pág. 368). A verdade que encontra na Igreja Católica permite-lhe conhecer Deus mais profundamente, vê-lo "sem véu" e agarrar-se a Ele mais estreitamente.

Através da Igreja e dos seus representantes - o seu pároco, o seu bispo, os vários diretores e superiores sulpicianos que lhe foram dados - ela descobre a vontade de Deus sobre ela. Ela faz todo o possível para seguir esta Vontade que muitas vezes descreve como "adorável", como um meio de se unir mais perfeitamente ao seu Deus. Durante a busca da sua vocação na Igreja, procurou o conselho dos seus conhecidos sacerdotes e do único bispo no vasto território americano, John Carroll de Baltimore, que apoiou a proposta de fundar uma escola para meninas. O projeto destes clérigos sobre ela evolui e, ela aceita-o apesar de algumas contradições. Ela ensina as suas Irmãs: "*Qual foi a primeira regra na vida do nosso querido Salvador? Como sabem, era para fazer a vontade do seu Pai. Assim, a primeira finalidade que proponho ao nosso trabalho diário é fazer a Vontade de Deus. A segunda é fazê-la da forma como Ele mesmo a fez. A terceira é fazê-la porque é a sua Vontade*" (IIIa, pág. 254-255). A mediação no seio da Igreja é de fato uma revelação da Vontade de Deus, uma garantia de que ela não age por conta própria, mas em união com Deus.

Elizabeth Ann procura unir-se cada vez mais perfeitamente a Deus através do exemplo e dos escritos dos santos que a Igreja propõe para a edificação e imitação dos fiéis. Ela lê São Tomás de Kempis, Santo Inácio, Santa Teresa de Ávila, Santa Joana Francisca de Chantal, São Francisco de Sales e outros. Ela traduziu as biografias de Santa Luísa escrita por Gobillon e a de São Vicente por Abelly, começando pelo terceiro volume, sobre as virtudes, bem como algumas das conferências de São Vicente às Filhas da Caridade. Ela traduziu as Regras das Filhas da Caridade e adaptou-as ao

contexto americano e à sua realidade como mãe de cinco filhos. Destas Regras, ela escreve: "*As regras propostas são mais ou menos idênticas às das Irmãs da França, de acordo com o manuscrito original. Nunca tive um pensamento que discordasse delas, tanto quanto a minha pobre capacidade de julgá-las, observando-as de perto*" (II, pág. 195). Sempre animada pelo desejo de uma vida "sobrenatural", ou seja, unida a Deus, ela abraça este caminho de santidade formulado por Vicente e Luísa, aprovado pela Igreja e demonstrado sua eficácia através da experiência de gerações de Filhas da Caridade. Ela afirma: "*A Regra é tão fácil de seguir que representa apenas um algo mais do que já faz uma pessoa que tem uma vida sobrenatural, mesmo no mundo*" (II, pág. 104). A sua certeza de encontrar comunhão com Deus através da fidelidade à sua Vontade no que a Igreja propõe é uma expressão da sua profunda confiança em Deus e na sua Providência.

Nos seus últimos dias, um padre perguntou-lhe qual teria sido a maior graça que Deus lhe concedera durante a sua vida. Ela respondeu: "*a de ter sido conduzida a entrar na Igreja Católica*". Foi neste mesmo espírito que ela deixou o seu testamento espiritual para a sua Comunidade, insistindo pouco antes da sua morte, com suas últimas forças: "*Sejam filhas da Igreja! Sejam filhas da Igreja!*" (II, pág. 767). A Igreja é o caminho para a comunhão com Deus que ela encontrou e que ela se sente chamada a mostrar às demais.

Evidentemente, a comunhão a que Deus a chama não se limita a uma relação íntima e fechada entre Elizabeth Ann e Jesus; esta comunhão leva-a a uma relação aberta aos outros. Ela vive-o, antes de mais nada, com a sua família e amigos. Ela sofre com os que sofrem e alegra-se com os que se alegram. Apesar das suas múltiplas obrigações como Fundadora, ela mantém o vínculo com os seus amigos e familiares distantes, através de cartas frequentes e, nunca se cansa de receber notícias deles para melhor acompanhá-los, construindo assim um povo fortalecido pela fé. Ela incentiva, aconselha e desafia os seus correspondentes, mas, acima de tudo, partilha livremente a sua vida e o seu coração. Elizabeth Ann está convicta de que Deus lhe oferece o dom da amizade: "*o nosso Bem-Amado deu-nos um coração para nos amarmos uns aos outros sem constrangimentos, sem cálculos e sem medo de dizer demasiado ou pouco*" (II, pág. 171). As suas relações humanas marcadas pela abertura são o reflexo da sua relação com Deus a quem ela pode dizer tudo graças à comunhão.

As suas amigas assumem a cor da evangelização enquanto se esforça por guiar os seus amigos e familiares no caminho da verdade que conduz a Deus e à felicidade do Céu. Ela sublinha: "*Conheceis o princípio: Deus está em toda parte... Aprendemos de cor durante a nossa juventude, mas no concreto*

da vida, vivemos diariamente como se mal nos lembrássemos que Deus nos vê. Deus está tão infinitamente presente ao nosso lado que Ele está em cada parte do nosso ser; nada pode nos separar dele" (IIIa, pág. 392). Perante aqueles que pensam pouco em Deus, ela tenta voltar os seus pensamentos para as realidades do alto. Diante daqueles que vacilam na fé face às contradições e dificuldades, ela insiste na presença de Deus em meio ao sofrimento. Aos que rejeitam a Igreja Católica, ela expõe com mansidão a sua felicidade de pertencer a ela e nela encontrar o consolo dos Sacramentos. Aos que veem a morte chegar, ela encoraja-os a manterem-se firmes na fé, a confiarem no Deus de amor e a permanecerem vigilantes perante as tentações da última hora. A sua comunhão não é completa sem a adesão a Deus daqueles que ela ama.

As suas relações são mútuas, ela sabe que não pode viver a sua vida cristã sozinha e conta com as demais pessoas. "*Não há uma única hora na minha vida em que não precise da orientação ou reconforto da amizade*" (I, pág. 18). Ela tem consciência da sua dívida para com os seus amigos da Itália, os Filicchi, que a acolheram calorosamente, ajudaram-na financeiramente, mas acima de tudo fizeram-na conhecer a Igreja Católica. O testemunho de vida deles abriu-lhe a mente e o coração sobre a Igreja que lhe foi apresentada primeiramente como uma proposta cultural. Com humildade, simplicidade, mansidão e respeito, responderam ao seu claro interesse e ofereceram-lhe alguns livros e explicações. Foram eles que ensinaram a Elizabeth Ann a oração da Ave Maria e o sinal da cruz, que produz nela "*um grande desejo de se unir àquele que morreu naquela cruz*" (I, pág. 296). Após o seu regresso para Nova Iorque, a sua decisão final de se converter foi devido tanto ao resultado da oração e insistência de Antônio Filicchi como das leituras e conselhos que recebeu. O dom da fé une-os para sempre numa comunhão profunda.

A sua espiritualidade de comunhão nas relações humanas vai além da sua família e amigos, pois, alcança também os seus irmãos e irmãs em humanidade, especialmente os pobres, os doentes, as viúvas e os jovens que necessitam de uma sólida educação. Como jovem esposa, ela ajudou a organizar, em 1797, a Sociedade para o socorro das viúvas pobres com crianças de tenra idade. Ela estava totalmente empenhada e serviu como tesoureira desde o início até um ano após a sua própria viuvez. Em colaboração com outras mulheres protestantes de Nova Iorque, além de dar uma ajuda ocasional com alimentos e medicamentos, procurou trabalho e abrigo para as viúvas e uma formação para os seus filhos. Quando lhe foi oferecida uma fundação em Emmitsburg, apenas um ano depois da sua chegada a Baltimore, onde abriu uma escola, ela acolheu a possibilidade de um serviço ampliado: "*Imagine a alegria na minha alma com a perspectiva de poder ajudar os pobres, visitar*

os doentes, consolar aqueles que choram, vestir crianças inocentes e ensiná-las a amar a Deus!"(II, pág. 62).

Elizabeth Ann sabe que o exercício da caridade é a participação na missão de Cristo e a comunhão com Ele. Ela transcreve esta meditação: "*A mesma caridade que Nosso Senhor mostrou àqueles com os quais conviveu e dialogou, suscitou as ações do seu poder divino nos seus gestos de ternura e misericórdia, pois o ardor da sua benevolência levou-o a percorrer vilarejo em vilarejo, fazendo o bem em toda parte, expulsando demônios, confortando os aflitos, curando os doentes, ressuscitando os mortos, proclamando o Reino de Deus, e trabalhando incessantemente para a salvação das almas. Não tenho poder como Jesus Cristo para realizar milagres para os outros, mas posso sempre encontrar oportunidades para lhes prestar serviço e mostrar-lhes bondade e benevolência, que são frutos da caridade cristã*" (IIIa, pág. 195). Talvez, ela não faça milagres no sentido estrito da palavra, mas o seu ardor, a sua benevolência, o seu zelo pela salvação das almas opera conversões maravilhosas, especialmente entre algumas jovens que são um pouco rebeldes e que foram confiadas aos seus cuidados na escola de Emmitsburg.

Para desfrutar da comunhão com Deus, a atenção aos irmãos é inevitável: "*Nosso Senhor avisou-nos explicitamente que receberemos do seu Pai de acordo com o que tenhamos feito aos nossos irmãos e irmãs e aos seus familiares, então como posso esperar que Deus me conceda as suas graças e benefícios se o meu coração está fechado aos seus membros, aos seus filhos?*" (IIIa, pág. 195). Isto é o que ela vive e ensina às suas filhas espirituais: não se pode esperar intimidade com Deus sem a proximidade com os seus filhos sofredores.

A imitação de Cristo Servo acompanha a comunhão com Cristo que sofre na cruz e entrega a sua vida por nós. Elizabeth Ann não ignora o sofrimento; conhece-o de perto desde a sua infância, começando com a morte da sua mãe, quando tinha apenas três anos de idade. Ela acompanhou corajosamente o seu marido na via crucis da enfermidade, afirmou a presença consoladora de Deus e desejou que ambos se beneficiassem da sua participação nos sofrimentos de Cristo. No diário da sua viagem a Itália, à medida que a saúde do seu marido debilitava, ela disse: "*Não só estava pronta para tomar a minha cruz, como também estava pronta para abraçá-la*" (I, pág. 257). Ela não se desviou do sofrimento, caminho de intimidade com o Cristo. Uma vez convicta de que a cruz conduz a uma relação mais profunda com Deus, ela encoraja os outros a acolhê-la. Por exemplo, ela escreveu à sua cunhada dizendo que toda a vida cristã passa pela cruz: "*Se descobrir que há obstáculos no seu caminho - e sem dúvida encontrará muitos deles, como qualquer cristão que queira cumprir o seu dever - persevere com maior fervor, e sinta-se feliz por*

carregar a sua parte da cruz, que é o nosso passaporte e selo para o reino do nosso Redentor" (I, pág. 224). É a participação livremente aceite na cruz que permite ao cristão entrar em comunhão íntima com o Senhor.

Durante os seus momentos mais dolorosos, ela sabe que sofre com o Senhor e vive uma comunhão muito profunda. Ela desenvolve este pensamento e vai ao ponto de dizer que o sofrimento é como um sacramento: "*Se não há bem comparável à recepção do nosso Senhor e Salvador no Santíssimo Sacramento, Ele que é a nossa própria vida, em todos os nossos sofrimentos, também o recebemos na Comunhão da sua Cruz, e podemos unir-nos a Ele, o seu espírito entra em nós. É certo que a graça que recebemos na Comunhão da Santa Eucaristia é proporcional à graça que recebemos na Comunhão da Cruz*". De acordo com a sua experiência e fé, a participação na cruz de Cristo permite-nos viver mais intimamente a Eucaristia. Ela continua: "*Sem fé, é impossível reconhecer o valor de uma ou de outra, assim como quando somos chamados a participar na mesa do Senhor, vamos com alegria e não nos detemos nas aparências, mas pela nossa crença, igualmente, quando o Senhor nos convida a vir recebê-lo na aflição e no sofrimento, devemos receber o seu cálice com o mesmo ardor e beber o seu sangue com fé, sem olhar para o que o oculta. Sem esta fé firme, vemos apenas uma cruz de madeira na cruz do nosso Senhor e vemos apenas o pão no Sacramento do seu Corpo*" (IIIa, pág. 419). De fato, Elizabeth Ann comunga frequentemente com o pão da cruz, consumindo-o, na fé e no abandono a Deus, as mudanças de direção, a morte de duas de suas filhas, as divisões dentro da sua Congregação, no que se refere à escolha da Superiora, os perigos materiais e morais que esperam os seus filhos, a morte de várias Irmãs... Se Tiago e João parecem demasiado confiantes na sua resposta à pergunta de Jesus: "*Podeis beber o cálice que estou para beber?*" (Mt 20,22), Elizabeth Ann responde conscientemente e bebe dele sem reservas.

Para nunca perder a consciência desta comunhão, dorme com um crucifixo debaixo da cabeça - e uma imagem da Santíssima Virgem Maria no seu coração. Muito antes de Nossa Senhora de Guadalupe ser declarada Patrona das Américas, Elizabeth Ann adquire um quadro dela para a Capela, proveniente do México. A nossa Santa Mãe encarna outra forma de comunhão, de intimidade com Deus e o seu povo. Foi durante a sua estadia na Itália, antes da sua conversão definitiva, que ela descobriu a figura materna de Maria e a sua poderosa intercessão, graças à oração do "*Lembrai-vos*". Depois de a encontrar num livro de orações, Elizabeth Ann reza esta oração a Maria "*com grande confiança que Deus não podia recusar nada à sua Mãe e que ela não podia deixar de amar e simpatizar com as pobres almas pelas quais ele morreu... Senti verdadeiramente que tenho uma Mãe, que*

o meu coração sem inteligência tantas vezes lamentou por ter perdido na minha juventude" (I, pág. 293). Ela contempla a Santíssima Virgem nas suas relações e na sua capacidade de conduzir as pessoas a Deus, para levá-las a uma comunhão mais perfeita com Ele. Ela ensina: "*Maria orientanos de volta ao amor que temos por Jesus; as nossas orações passam pelo seu coração com amor e excelência. Jesus se alegra ao receber o nosso amor embelezado e purificado através do coração de Maria, como vindo do coração de um amigo*" (IIIa, p. 462-463). Inicialmente, as Irmãs em Emmitsburg compartilhavam um único terço, para destacar e reforçar a sua comunhão de oração com Maria e entre elas.

Através da sua Assunção, Maria leva-nos à comunhão última do Paraíso, e Elizabeth Ann sente saudades do Céu desde a sua tenra idade. Ela relembra: "*Quando eu tinha quatro anos de idade, sentada sozinha num degrau, a olhar para as nuvens, enquanto a minha irmãzinha Catarina, de dois anos, estava deitada no seu caixão, perguntaram-me se eu não tinha chorado quando a pequena Kitty morreu. - Não, porque Kitty foi para o céu. Eu também gostaria de ir para lá com a Mamãe*" (IIIa, pág. 510). Se estas palavras de uma criança podem simplesmente expressar o desejo de encontrar a sua mãe, o tempo confirma que a sua alma está voltada com todas as suas forças para a eternidade, palavra que ela escreve em todos os lugares, nas suas cartas como assunto, saudação e exclamação, nas margens da sua Bíblia e do seu livro de orações, muitas vezes, tudo em maiúsculas e seguido de vários pontos de exclamação para sublinhar a sua importância.

A eternidade é "querida", "gloriosa", "feliz" e sobretudo pessoal: Elizabeth Ann fala da "nossa eternidade", da "minha eternidade", da "sua eternidade", e tudo deve ser feito para não perder a eternidade divina, a comunhão com Deus, e para não arriscar uma eternidade de sofrimento e separação de Deus. Ela implora aos seus filhos, mas também aos seus estudantes, aos seus amigos e às suas Irmãs, que mantenham os olhos fixos na eternidade, para não perderem de vista as suas delícias por causa das preocupações e tentações do mundo, aquelas distrações do diabo a quem ela chama "Sam". Ela escreve ao seu filho William: "*O meu amor por ti não tem limites nem medidas, e só pode ser satisfeito com a eternidade*" (II, pág. 762). Ela pode suportar algumas separações terrenas, mas conta com a união no Céu com todos aqueles que lhe são caros.

Ela confia em Deus e na sua misericórdia e não questiona a sua justiça. Ela sabe que cada pessoa deve comparecer perante o tribunal de Deus e prestar-lhe contas da sua vida. Ela permanece vigilante com a sua alma. "*Velai, e estareis preparadas não só para a comunhão nesta terra, mas também para a*

vossa comunhão na Eternidade" (II, pág. 776). Ela escreve a uma jovem que se prepara para a sua Primeira Comunhão, no entanto, trata-se de uma regra de vida para si mesma e que propõe a todos. Ela exclama: "*Eternidade! Mãe! Que responsabilidade! Mãe das Filhas da Caridade, que têm tantas coisas para fazer também por Deus durante a sua curta vida!*" (IIIb, pág. 31) Cada momento conta.

Ela sabe que a comunhão com Deus a espera: "*Este mundo passa - ETERNIDADE! Esta voz que deve ser compreendida em todo o lado. Eternidade! Nada mais senão para amar e servir.. Aquele que deve ser amado e eternamente servido e louvado no céu*" (IIIa, pág. 523). Ela passa a sua vida a preparar-se para a eternidade, amando, servindo e louvando a Deus através das suas ações, sempre voltada para Ele no céu e presente no seu próximo.

Sem hesitação, podemos dizer que Elizabeth Ann Seton vive a espiritualidade da comunhão definida por São João Paulo II: "*Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como "um que faz parte de mim", para saber compartilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade..*" (Novo milennio ineunte, 43).

Que pela intercessão de Santa Elizabeth Ann Seton possamos nós também, tornarmo-nos mulheres de comunhão.

Irmã Judith MAUSSER
Filha da Caridade

Nota:

¹ *Elizabeth Bayley Seton: Collected Writings [Obras completas]*. Quatro tomos editados por Irmã Regina Bechtle, SC e Irmã Judith Metz, SC. New City Press: Hyde Park, 2000-2006.

A união das Irmãs da Caridade de São José Estados Unidos com a Companhia das Filhas da Caridade



História da Companhia

Durante a aparição de 18 de julho de 1830, a Santíssima Virgem disse a Catarina Labouré: *"Quando a Regra for posta em vigor, haverá uma Congregação que se reunirá à Comunidade. Não é o costume, mas eu as amo, diga-lhe que as recebam. Deus irá abençoá-las, elas irão sentir uma grande paz. A Comunidade gozará de grande paz, ela tornar-se-á grande"*¹. Foi em 1850 que esta "profecia" foi cumprida.

A fim de compreender como se realizou a união das Irmãs da Caridade de São José dos Estados Unidos da América com a Companhia das Filhas da Caridade, vejamos primeiro a fundação e as pessoas envolvidas, o vínculo com a espiritualidade vicentina, as razões que levaram à união, a união em si mesma e, finalmente, as consequências para a Companhia.

I - AS IRMÃS DA CARIDADE DE SÃO JOSÉ (1809 -1850)

Ao examinar todos os elementos que conduziram à fundação das Irmãs da Caridade de São José de Emmitsburg, podemos afirmar que foi um trabalho de "equipe", orientado pela Providência. Elizabeth Ann Seton é uma jovem viúva com cinco

filhos, convertida do protestantismo, busca uma forma de continuar a educação dos seus próprios filhos e, ao mesmo tempo, dedicar-se à educação de crianças pobres. A pedido de um padre Sulpiciano, Padre Louis-Guillaume Dubourg, que procura alguém para fundar uma escola para a educação de meninas, Elizabeth Ann aceita deixar Nova Iorque para se instalar em Baltimore. Ao mesmo tempo, um homem recém-convertido ao catolicismo, Samuel Cooper, antes de entrar no seminário, quer abdicar os seus bens em favor de uma obra piedosa.

Quando Samuel Cooper ofereceu ao Padre Dubourg a sua fortuna para fundação de uma escola para meninas, o padre viu nela o desígnio da Providência. No entanto, Samuel Cooper insistiu para que a fundação se realizasse em Emmitsburg. O Arcebispo de Baltimore, Dom Carroll (Jesuíta), aprovou o projeto. Nomeou o Padre Dubourg "Superior" da nova comunidade e, em 25 de março de 1809, na presença do Bispo Carroll, Elizabeth Ann Seton pronunciar os seus votos e foi-lhe atribuído o título de "Madre". Em junho de 1809, Madre Seton e quatro companheiras vestiram um hábito religioso muito simples e escolheram o nome "*Irmãs da Caridade de São José*". Em 31 de julho de 1809, dez Irmãs reuniram-se na granja Fleming em Emmitsburg, onde havia uma paróquia dirigida pelo Padre Jean Dubois, também Sulpiciano. Elizabeth Ann está acompanhada pelos seus filhos, que permanecerão sempre com ela. A formação religiosa das Irmãs foi assegurada pelos Sulpicianos.

Mas, a nova Comunidade precisa de Regras. No início, as Irmãs adotaram um Regulamento para organizar o seu modo de vida. Visto que os Sulpicianos, todos franceses, conheciam bem as Filhas da Caridade e a sua forma de servir a Deus e aos pobres, empenham-se rapidamente em adquirir um exemplar de suas Regras, esperando ao mesmo tempo que algumas Filhas da Caridade venham aos Estados Unidos para ajudar a Comunidade nascente de São José com a sua experiência e exemplo².

Aproveitando a viagem para a França do Bispo Flaget, um sulpiciano, fizeram o pedido oficial de algumas Filhas da Caridade para Emmitsburg. Três Irmãs, Irmã Marie Bizeray, Irmã Voirin e Irmã Chauvin são nomeadas para ir e formar as Irmãs americanas no espírito e no uso e costumes da Companhia; infelizmente, a política de Napoleão tornará esta missão impossível. As três Irmãs já estão em Bordeaux, prontas para embarcar, porém, o governo proíbe-as de deixar a França. O Bispo Flaget é, portanto, obrigado a partir sem elas, levando apenas um exemplar das Regras com ele. Assim, as três Irmãs escreveram uma carta, uma cópia da qual pode ser encontrada nos arquivos da Casa Mãe, "*Às nossas queridas Irmãs aspirantes da Companhia das Filhas*

da *Caridade*" na qual anexaram a fórmula dos votos das Filhas da Caridade e as instruções para pronunciá-los³.

Então, ela se lança na tradução das Regras Comuns, os Sulpicianos e o Arcebispo de Baltimore modificam alguns pequenos pontos das Regras para adaptá-las à cultura americana. A mudança mais significativa foi a de fazer da educação das meninas a principal missão das "Irmãs da Caridade de São José". No primeiro capítulo, encontramos o mesmo texto das Regras Comuns das Filhas da Caridade com seguinte acréscimo: "*O segundo objetivo, não menos importante, é honrar a Santa Infância de Jesus nas crianças do mesmo sexo, cujos corações são chamados ao amor de Deus através da prática das virtudes e do conhecimento da religião, ao mesmo tempo que semeamos nos seus pensamentos as sementes do conhecimento útil*".

De acordo com o texto aprovado das Constituições das Irmãs da Caridade: "*As Irmãs da Caridade são estabelecidas sob a autoridade do Arcebispo de Baltimore e do Superior do Seminário de São Sulpício em Baltimore, que designarão o Superior (Geral) que dirigirá a sua Sociedade*". As Irmãs fazem os votos anuais na presença de um padre sulpiciano que é o seu Superior Eclesiástico⁴.

Em janeiro de 1812, as Irmãs adotam a Regra comum e elegem Elizabeth Ann como a primeira Madre Superiora das Irmãs da Caridade de São José, cargo que ocupará até à sua morte em 1821 e, de acordo com a sua nova Regra, a Comunidade inicia um noviciado de 18 meses. Em 19 de julho de 1813, na festa de São Vicente celebrada com fervor, dezoito Irmãs pronunciaram os votos pela primeira. A Comunidade toma forma e ganha vida. A partir de então, as Irmãs começam a se propagar: primeiro na Filadélfia, depois em Nova Iorque.

Para alimentar a sua vida de oração e a da sua nova Comunidade, Elizabeth Ann Seton empreenderá um grande trabalho de tradução dos Escritos dos Fundadores: a vida de Santa Luísa (a primeira tradução em inglês), a vida de São Vicente e as Conferências de São Vicente às Filhas da Caridade, assim como de outros autores franceses. Gradualmente, a Comunidade vai se apropriando do espírito de São Vicente.

Em 1821, no dia seguinte à morte da Madre Seton, a Comunidade conta com cinquenta membros. Para a sucessão, Rose White foi eleita Madre Superiora.

II - A UNIÃO COM AS FILHAS DA CARIDADE

De acordo com os seus Estatutos, as Irmãs da Caridade de São José são dirigidas por um Sulpiciano, que é o seu Superior Geral, e por uma Madre Superiora com o seu Conselho. É o Superior do Seminário de São Sulpício em Baltimore que nomeia o Superior Geral das Irmãs em função das outras urgências pastorais. Vários deles tiveram mandatos curtos de 2-3 anos, que foram interrompidos por missões consideradas mais importantes: direção de um seminário ou de uma diocese. Todos os Superiores Gerais são sacerdotes franceses, exceto o último, mas todos eles conheciam bem o modo de vida das Filhas da Caridade.

Os Lazaristas nos Estados Unidos

Foi o Padre Dubourg, nomeado Bispo, da então Diocese de Louisiana, que, em 1815, chamou os padres da Congregação da Missão para se encarregarem de um Seminário nos Estados Unidos. Os primeiros Lazaristas que ali chegaram, eram italianos: Félix De Andreis, Superior, Joseph Rosati (1789-1843), Jean Baptiste Acquaroni e o Irmão Martin Blanka. O apostolado dos Lazaristas consistiu na formação de sacerdotes para a diocese da Louisiana e em pregar missões. No ano seguinte, sacerdotes diocesanos, seminaristas, postulantes e Irmãos juntaram-se a eles com a intenção de se tornarem Lazaristas na América do Norte. No entanto, a missão dos Lazaristas se afastou da Comunidade das Irmãs e não houve mais contato entre eles.

De acordo com o seu carisma, os Sulpicianos têm como tarefa principal a formação de sacerdotes, logo, a direção das Irmãs é considerada como secundária. Em 1826, Antoine Garnier, eleito Superior Geral dos Sulpicianos, acredita que chegou o momento de transmitir a outros todas as obrigações alheias ao seu trabalho principal, particularmente os Seminários eclesíasticos. Para os Sulpicianos dos Estados Unidos, é evidente que devem transmitir a outros a direção das Irmãs. Além disso, em 1846, o Bispo de Nova Iorque, Dom John Hughes, desejando ter as Irmãs da sua diocese sob a sua direção pessoal, causou uma separação leal entre as Irmãs de Nova Iorque e as de Emmitsburg. Como as Irmãs vivem de acordo com o espírito de São Vicente, os Sulpicianos decidem tratar o assunto com o Superior Geral da Congregação da Missão.

A UNIÃO

As negociações vão durar vários anos. Em 1840, Dom Rosati, Lazarista (primeiro bispo da diocese de Saint Louis entre 1826 e 1843) escreveu sobre este assunto ao Visitador dos Estados Unidos, depois de se ter encontrado com os Superiores de Paris⁵.

"Sou formalmente da opinião de que, se as nossas Irmãs americanas pudessem unir-se às da França... Neste sentido, falei tanto à Superiora das Irmãs como ao Superior Geral da Congregação. Mencionei o que talvez possa causar algumas dificuldades: o hábito e o internato para meninas. Salientei que o hábito das Irmãs da França seria difícil de adotar na América; eles não o exigiriam: na Espanha, as Irmãs da Caridade não têm o mesmo hábito, e não atribuem grande importância a este ponto. - No que diz respeito ao internato, na Casa Mãe compreendeu-se muito bem as razões pelas quais uma exceção à Regra, neste caso único, poderia ser permitida: a carência que se encontravam para sustentar o noviciado e também de ter os meios para dar uma formação adequada às Irmãs jovens, destinadas a ensinar em orfanatos e em escolas gratuitas para os pobres. Naturalmente, pedimos que as Irmãs fiquem sob a direção da Congregação da Missão, como em França".

Em 13 de dezembro de 1848, o Conselho geral da Companhia registou: *"As Irmãs Hospitalares de Baltimore, pedem para se unirem à nossa Comunidade; sabemos que elas assim desejam há muito tempo, e que até mesmo alguns passos foram feitos a este respeito, mas até agora sem resultado. O Conselho vê com esperança um grande bem desta união, desde que algumas dificuldades que se apresentam possam ser superadas. Consequentemente, o Padre Superior está disposto a dar-se ao trabalho de escrever, inclusive, aos respectivos Bispos para fazê-los conhecer às condições requeridas e para sensibilizá-los a este respeito".*

Alguns meses depois, em 18 de julho de 1849, o Conselho geral da Companhia analisou novamente o pedido *"das Irmãs, chamadas da Caridade, cuja Casa Mãe está estabelecida em Emmitsburg, que há muito tempo manifestaram o desejo e inclusive já haviam dado início ao pedido para se unirem à nossa Comunidade, estando impregnadas pelo espírito e pelas Regras de São Vicente"; e tomou a decisão de "que este importante assunto deveria ser tratado com o zelo e prudência necessários para que tudo ocorra no espírito de São Vicente".*

Em 28 de agosto de 1849, o Padre Étienne escreveu à Superiora da Comunidade das Irmãs da Caridade de São José, Madre Étienne (Stephanie) Hall:

"É, pois, com alegria, minha querida Irmã, que abro o meu coração paterno à vossa Comunidade e lhe atribuo o lugar distinto que, de agora em diante deve ocupar. [...] Comuniquei a vossa carta ao Conselho da Comunidade-Mãe. O seu pedido foi aceito e recebido favoravelmente. Ficou decidido que o Padre Maller será revestido dos meus poderes, para tratar convosco às condições da reunião que deseja realizar. Desejamos apenas uma coisa, que a Comunidade da América seja verdadeiramente uma com a Casa Mãe, através da posse do mesmo espírito, pela observância das mesmas Regras, pela observância também das mesmas práticas, dos mesmos costumes, para que possa exercer a mesma caridade".

O Visitador dos Lazaristas nos Estados Unidos, Padre Maller (espanhol) é, portanto, o responsável por este assunto. Numa carta⁶, de 20 de agosto de 1849, dirigida à Madre Etienne, disse-lhe: *"Uma Irmã que nada sabia da existência da vossa Comunidade foi favorecida em várias ocasiões pelo Todo-Poderoso com os favores mais extraordinários. Ao longo de diferentes visões da Virgem Imaculada e do nosso bem-aventurado Pai São Vicente, foi-lhe dito que uma Comunidade, de um determinado país se juntaria às Irmãs da Caridade de França. E como não conheço nenhum outro país além dos Estados Unidos, nenhuma outra Comunidade além da vossa, à qual estas revelações possam ser aplicadas, estou feliz por acreditar que estas revelações foram feitas para o vosso bem, e para o meu".*

Concluídas todas as preliminares necessárias, a união formal com as Filhas da Caridade foi finalmente consumada; no dia 25 de março de 1850, as Irmãs pertencentes à casa de São José fizeram voto de obediência ao sucessor de São Vicente de Paulo. Trinta estabelecimentos e trezentas e quarenta e cinco Irmãs são agregadas à Família de São Vicente.

Na sua primeira carta às Filhas da Caridade dos Estados Unidos da América, traduzida em inglês, em 1º de novembro de 1850, o Padre Etienne nomeou a Madre Etienne Hall "Visitadora" e o Padre Maller "Diretor Provincial" dos Estados Unidos. Ele escreveu-lhes: *"Voltem à origem da vossa instituição [...] que semelhança impressionante entre os vossos começos e os da Companhia! Foi também uma viúva piedosa que deu origem a sua pequena família. E quanto a esta piedosa viúva, quão grande era o seu amor pela simplicidade, pobreza e todas as máximas de São Vicente".*

Posteriormente, quatro Irmãs americanas foram enviadas à Paris para serem formadas nos usos e costumes da Comunidade: Seminário, Economato, Secretariado e hábitos. Pouco tempo depois, a nova Visitadora veio à Paris para se encontrar com os Superiores Maiores: Padre Etienne e Mère Mazin. Em 8 de dezembro de 1851, as Filhas da Caridade dos Estados Unidos da América tomaram o hábito azul e a corneta.

Na Carta Circular de 1º de janeiro de 1851, Mère Mazin comunicou a notícia a toda a Companhia, anexando-lhe a carta que o Padre Étienne tinha enviado às Irmãs dos Estados Unidos, em novembro de 1850.

CONSEQUÊNCIAS...

Anunciada pela Virgem Imaculada, "a Única Mãe da Companhia", esta filiação das Irmãs Americanas realizou-se após um longo período de reflexão e discernimento. Contudo, pouco tempo depois, surgiram dificuldades e contrariedades.

Numa reunião do Conselho geral (janeiro de 1852), soube-se que várias Irmãs desejaram deixar a Comunidade e que a Casa de Cincinnati se recusava a tomar o hábito das Filhas da Caridade. *"As Irmãs jovens deveriam ser retiradas da casa para evitar os maus exemplos. As demais permaneceram lá por sua própria vontade e toda a correspondência será interrompida.*

As Irmãs americanas têm dificuldades em adotar os usos e costumes franceses, especialmente no que diz respeito à maneira de se alimentar; *"elas atribuem as variações da sua saúde ao seu novo regime"*. O Conselho geral da Companhia permite então que as Irmãs tomem o café da manhã no estilo americano, acrescentando que o Diretor *"tentará fazê-las apreciar as vantagens de uma vida mais simples"*. Outro problema foi o fato de colocar as roupas em comum e as Irmãs *"têm grandes dificuldades de ultrapassar a sua repugnância em utilizar uma roupa comum, quando até agora era pessoal"*. O Conselho geral decide que as Irmãs mais antigas podem guardar as suas roupas pessoais, porém, que é importante acostumar as Irmãs do Seminário a esta nova prática (Conselho de 16 de outubro de 1853). Para ajudar as Irmãs dos Estados Unidos a entrar mais facilmente nos costumes da Companhia, o Conselho geral decide enviar quatro jovens Irmãs Irlandesas *"tendo, além disso, provado ser de bom espírito... possuindo a mesma língua e apreciando as práticas e costumes da Comunidade, poderão mesmo contribuir para torná-las conhecidas e observadas pelas nossas Irmãs"* (Conselho de 31 de março de 1852).

CONCLUSÃO

Após a união das "Irmãs da Caridade de São José de Emmitsburg" em 1850, duas outras Comunidades também se uniram à Companhia: em 1851, foram as "Irmãs da Misericórdia" de Graz, Áustria, cuja Superiora era Leopoldine Brandis; em 1854, as Irmãs da Caridade de Verviers, Bélgica. Todas estas uniões "obrigaram" a Companhia a tomar várias decisões. A Irmã Brandis foi nomeada primeira Visitadora da Província da Áustria, que incluía todos os países do antigo Império Austro-Húngaro. No Conselho de 16 de outubro de 1853, foi decidido que os Diretores e as Visitadoras das Províncias afastadas da Casa Mãe teriam mais autoridade para resolver problemas locais e que as Cartas Circulares seriam traduzidas, "*todos os membros da Família tendo direito aos mesmos ensinamentos*". Para assegurar a unidade e uniformidade, o Padre Etienne promulgará um *Regulamento para as Províncias fora de França* (1862) e a reformulação do *Coutumier* (Consuetudinário - livro dos "Usos e Costumes") para "*generalizar e uniformizar em toda a Companhia os mesmos usos e costumes, a mesma forma de observar as Regras, e de fazer os trabalhos, a fim de manter o mesmo espírito em toda a parte*".

Irmã Magdalena HARBU,
Filha da Caridade

Notas

- ¹ R. Laurentin e P. Roche, Catarina Labouré e a Medalha milagrosa, Lethielleux, 1976, documentos n° 637 e 638, 30 de outubro de 1876, página 352.
- ² Ver o relato completo na Carta da Irmã Marie-Louise Caulfield, secretária, à Irmã Le Blanc, secretária-geral em Paris, de 24 de setembro de 1882, publicada nos Anais da Congregação, 1883, pág.128-150. Ver também "A Nossa União com a França. As Filhas da Caridade Americanas de 1809 a 1851 por Irmã John Mary Crumlish, Anais da Congregação, maio de 1950, pág. 333-373; ver também Elizabeth Ann Bayley Seton. Mulher de Missão (a), (b) pela Irmã Betty Ann Mc Neil, Ecos da Companhia, novembro-dezembro de 2000.
- ³ Ecos da Companhia, 2000, Elizabeth Ann Bayley Seton. Mulher de missão (a), de Irmã Betty Ann Mc Neil, página 391.
- ⁴ Ibidem, página 393.
- ⁵ Anais da Congregação, 1950, Nossa união com a França, da Irmã John Mary Crumlish, página 349.
- ⁶ Ibidem, página 364.